

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

Catiele Alves de Souza

Informação e Memória Institucional:

um estudo de caso sobre a produção documental da
Associação de Ex-alunos do Instituto de Educação General Flores
da Cunha de Porto Alegre/RS

Porto Alegre

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

Catiele Alves de Souza

Informação e Memória Institucional:

um estudo de caso sobre a produção documental da
Associação de Ex-alunos do Instituto de Educação General Flores
da Cunha de Porto Alegre/RS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Orientação: Prof. Dr. Valdir José Morigi

Porto Alegre

2021

CIP - Catalogação na Publicação

Souza, Catiele Alves de

Informação e Memória Institucional: um estudo de caso sobre a produção documental da Associação de Ex-alunos do Instituto de Educação General Flores da Cunha de Porto Alegre/RS / Catiele Alves de Souza. -- 2021.

123 f.

Orientador: Valdir José Morigi.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Memória. 2. Memória institucional. 3. Instituições escolares. 4. Instituto de Educação General Flores da Cunha (IE). 5. Associação de Ex-alunos do Instituto de Educação General Flores da Cunha (AExAIE). I. Morigi, Valdir José, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

Catiele Alves de Souza

Dissertação apresentada ao Programa de pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Orientação: Prof. Dr. Valdir José Morigi

Porto Alegre, 8 de junho de 2021.

Banca realizada de forma virtual

Banca examinadora

Profa. Dra Maria de Lourdes Borges (Unilasalle)

Profa. Dra. Elisabete Z. Búrigo (UFRGS)

Prof. Dr. Moisés Rockembach (UFRGS)

Prof. Dr. Rene Gabriel Júnior (Sup.) UFRGS

Prof. Dr. Valdir José Morigi (Orient.) (UFRGS)

Agradecimentos

Agradeço às memórias dos meus ancestrais e família, principal herança que definiu minha identidade.

À UFRGS, FABICO e ao PPGCIN, instituições das quais tenho orgulho de me relacionar.

Meu orientador, Prof. Valdir Morigi por lapidar as memórias comigo.

Prof. Rodrigo Caxias, pelos questionamentos piscianos, afinal a memória é filha do caos.

Ao IFCH e à equipe da melhor Biblioteca de humanidades de Porto Alegre, Bibcsh, pelo apoio e compreensão de sempre, aqui representados por Luziane Martins e Fabiana Brigidi.

Amigos que trouxeram revisões, leituras e conselhos: Luisia Alves, Vladimir Luciano Pinto, Ana Lérida, Luis Fernando Massoni. Lucia Nunes pelas caronas e conversas; Luziane Graciano, catalisadora de memórias, parceira e motivadora desde o início até o fim. Annie Casali, por me ajudar a relembrar a arte e a poesia, mesmo durante essa época caótica.

Lúcia Bohrer e Natália Cecília pelo apoio emocional inenarrável e lembranças curativas.

À Laudeci Saldívia e ao senhor Jung, por darem sentido às minhas memórias.

À equipe do Projeto Estudar Para Ensinar, representados aqui por Diane Tomasi e Jenifer Souza, período no qual tanto aprendi sobre os espaços de recordação.

Agradeço às integrantes da Associação de ex-alunos do Instituto de Educação Gen. Flores da Cunha pelo carinho com que me receberam, deixando registrado aqui o meu profundo respeito pelo significado maior do seu trabalho.

Vanessa Souza Pereira, pelos sábios conselhos acadêmicos; Lu Milani, voz da consciência; Vitória Regina, fiscalização inicial do projeto, Evandro Bittencourt,

emergências eletrônicas; Matheus Possamai de Conto, pelas revisões e memórias desse período saturnino.

Aos professores da banca examinadora por nos emprestarem seu olhar: Profa. Dra Maria de Lourdes Borges, Profa. Dra. Elisabete Z. Búrigo, Prof. Dr. Moisés Rockembach, Prof. Dr. Rene Gabriel Júnior.

Obrigada!

“A memória guardará o que valer a pena. A memória sabe de mim mais que eu; e ela não perde o que merece ser salvo.”

Eduardo Galeano

Resumo

O objetivo do estudo é conhecer a memória institucional da Associação de Ex-alunos do Instituto de Educação General Flores da Cunha (AExAIE), situado na cidade de Porto Alegre (RS), a partir de sua produção documental e narrativas, evidenciando a importância de sua preservação. Busca compreender parte da memória desta escola, em funcionamento desde o ano de 1869, através desta instituição que reúne seus ex-alunos. Os registros incluem variadas documentações, como cartas, convites, atas de reunião, livros, fotografias, objetos e o Boletim periódico editado pela Associação. Pesquisa de natureza qualitativa utiliza o método Estudo de caso. As técnicas de coleta de dados utilizadas foram a análise documental e entrevista. O procedimento de análise dos dados se deu através da análise de conteúdo. Estudo realizado na cidade de Porto Alegre, (RS), durante o segundo semestre do ano de 2020. A partir da análise dos registros foram elencados os principais lugares de memória onde estes indivíduos ancoram suas lembranças acerca do Instituto de Educação General Flores da Cunha e de sua participação na Associação. Como lugares de memória foram encontrados: o prédio do IE, obras de arte, datas festivas, personagens famosos e ilustres anônimos, professores inovadores, ensino vanguardista, uma publicação periódica própria, ações sociais, entre outros. Evidenciou-se que as vivências registradas na documentação e entrevistas colaboraram na construção da identidade do grupo e também individual.

Palavras-chave: Memória. Memória institucional. Instituições escolares. Instituto de Educação General Flores da Cunha (IE). Associação de Ex-alunos do Instituto de Educação General Flores da Cunha (AExAIE).

Abstract

The aim of the study is to learn about the institutional memory of the Associação de Ex-alunos do Instituto de Educação General Flores da Cunha (AExAIE), located in the city of Porto Alegre (RS), from its documentary and narrative production, highlighting the importance of its preservation. It seeks to understand the memory of this school, in operation since 1869, through this institution that gathers its former students. The records include various documents, such as letters, invitations, meeting minutes, books, photographs, objects and the periodic Bulletin edited by the Association. Qualitative research using the Case Study method. The data collection techniques used were a document analysis and an interview. The data analysis procedure was carried out through content analysis. A study carried out in the city of Porto Alegre, (RS), during the second semester of the year 2020. From the analysis of the records, the main places of memory where they need to anchor their memories about the Instituto de Educação General Flores da Cunha and participation in the Association. As places of memory were found: the IE building, works of art, festive dates, famous and illustrious anonymous characters, innovative teachers, avant-garde teaching, its own periodical, social actions, among others. It was evidenced that the experiences produced in the documentation and reported collaborated in the construction of the group and also individual identity.

Keywords: Memory. Institutional memory. School institutions. Instituto de Educação General Flores da Cunha (IE). Associação de Ex-alunos do Instituto de Educação General Flores da Cunha (AExAIE).

Sumário

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 Justificativa	13
1.2 Delimitação do tema e problema de pesquisa	14
1.3 Objetivos	15
1.3.1 Objetivo Geral	15
1.3.2 Objetivos específicos	15
2 INFORMAÇÃO, MEMÓRIA INSTITUCIONAL E IDENTIDADE	17
2.1 Informação e memória	17
2.2 Memória Institucional	24
2.3 Lugar de memória	29
2.4 Escola como lugar de memória e construção da identidade	34
3 PERCURSO METODOLÓGICO	41
3.1 A Associação de Ex-Alunos do IE como objeto de pesquisa	43
3.2 A Pesquisa qualitativa e o Estudo de caso	45
3.3 Análise documental	46
3.4 Entrevista	49
4 OS REGISTROS DOCUMENTAIS DA ASSOCIAÇÃO DE EX-ALUNOS DO I.E. FLORES DA CUNHA	53
4.1 Lugar de ensino e memória: as lembranças sobre o Instituto de Educação Gen. Flores da Cunha	55
4.2 Associação de Ex-alunos do IE	74
4.3 Personagens	78
4.3.1 Anônimos, porém ilustres	79
4.3.2 Sandra Pesavento, formadora de opinião na historiografia gaúcha e nacional	83
4.3.3 Elis Regina “uma das primeiras rebeladas”	84
4.3.4 Olga Garcia Reverbel, vanguarda do teatro na educação	88
4.3.5 Dinah Neri, Regente do orfeão	89
4.3.6 Odila Barros Xavier, Esther Pilar Grossi e o pioneirismo do IE na Matemática	90
4.4 Porto Alegre	91

4.5 Sociedade	96
4.6 Festas e cultura	98
4.7 Produtos de memória	102
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
REFERÊNCIAS	116
ANEXO A – Termo de consentimento livre e esclarecido	121

1 INTRODUÇÃO

As transformações tecnológicas, a automatização de rotinas e a aceleração do tempo advindas da pós-modernidade prejudicam a capacidade de lembrar devido ao excesso de informações, o que pode acarretar apagamentos culturais. A novidade é mais celebrada do que a tradição. Do contrário, não avançaríamos em inovação. Contudo, lembrar o passado em excesso é tão prejudicial quanto ignorá-lo por completo, então assumimos que ele deve ser referência para um futuro com mais segurança de fatos e de informações.

Para obtermos esta referência, são necessárias ações e políticas que salvaguardam a memória e a informação, que não existindo apenas por si mesmas, são resultados de um processo de construção social, seja para o criador da informação, seja para o consumidor ou usuário desta.

A presente pesquisa busca refletir sobre memória institucional no âmbito da Biblioteconomia e Ciência da Informação e colaborar com essa área de estudos que ampliou seu foco da recuperação da memória para os sentidos presentes e a relação dos indivíduos com as memórias.

Nesta pesquisa, estudamos a memória institucional a partir de registros documentais produzidos pela Associação de Ex-alunos do Instituto de Educação (IE) General Flores da Cunha. A preservação da memória institucional de comunidades escolares se constitui em elemento relevante para a construção das identidades culturais, uma vez que a escola possui papel fundamental na construção dos sujeitos sociais.

1.1 Justificativa

A justificativa se baseia na participação da proponente de 2018 a 2020 no projeto 'Estudar para ensinar: práticas e saberes matemáticos nas escolas normais do Rio Grande do Sul (1889-1970)'. Durante esse período, houve o contato com o acervo da Associação de Ex-alunos do IE. Uma vez que o IE está dividido entre algumas escolas, devido ao restauro do prédio, a Associação realizou um empréstimo de seu acervo ao projeto (BÚRIGO, 2016) da

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) para sua salvaguarda temporária.

Ao verificar a riqueza de materiais existentes e o rigor na organização dos registros, foram percebidos conceitos de memória institucional que poderiam ser estudados do ponto de vista da Ciência da Informação (CI). Além disso, havia uma parte da história do IE a ser contada do ponto de vista de seus ex-alunos. Assim, tornou-se objeto desta pesquisa. Entendemos que estudar os registros documentais de uma instituição nos revelam sua essência, quais tipos de informações ela valoriza, quais informações possuem o privilégio de serem guardadas por anos, quem são os atores, quais as temáticas, quais os conflitos. Além disso, a valorização da memória torna os indivíduos mais conscientes de seus atos, pois as ações de hoje formarão os registros e a memória de amanhã.

1.2 Delimitação do tema e problema de pesquisa

O IE General Flores da Cunha foi criado em 1869, no tempo do Império, permanecendo até 1920 como a única instituição responsável pela formação de professores primários para atuação em escolas do estado do Rio Grande do Sul. Passou ao longo de sua trajetória por diversas trocas de nome e estatutos, porém podemos considerar a instituição de ensino formadora de educadores mais antiga do Brasil ainda em funcionamento segundo Chaves (2019) e uma das escolas públicas mais tradicionais da cidade de Porto Alegre.

A Associação de Ex-Alunos iniciou seus trabalhos em 1960, no prédio do Instituto, situado na Rua Osvaldo Aranha, 527, sala 116 em Porto Alegre (RS). Com o início do restauro do prédio em 2016, as instalações foram transferidas para escolas próximas. A associação passou a localizar-se em uma pequena sala da escola Dinah Neri Pereira, em frente ao Parque da Redenção.

Inicialmente, a obra estava prevista para ser concluída em 2017, porém, por questões de recursos financeiros, o prazo foi estendido para maio de 2020. Entretanto, entramos no ano de 2021 e as obras ainda não foram concluídas. Acreditamos que as medidas de isolamento social adotadas na cidade por conta da pandemia de Covid-19 tenham impactado os prazos.

Apesar do fechamento do prédio, o IE está vivo na memória da comunidade porto-alegrense. Diversas ações foram e estão sendo realizadas tendo o IE como foco, como pesquisas na área de memória e educação na UFRGS e notícias veiculadas periodicamente na imprensa gaúcha, não deixando que a situação caia em esquecimento. O curta-metragem *IE: 150 Anos de Educação* está sendo filmado por ex-alunos que hoje são cineastas, sob a direção de Fredericco Restori. Além disso, a escola, sob direção do professor Wagner Innocencio Cardoso, tem presença ativa nas redes sociais.

Este trabalho mostra como as narrativas presentes nos registros documentais do acervo da Associação de Ex-Alunos constroem parte da memória institucional do IE Flores da Cunha. Isso é feito a partir das seguintes questões norteadoras: Quais são os tipos de registros documentais que a Associação produziu durante a sua existência? Que informações eles trazem? Quais temáticas privilegiam? Onde se encontram hoje? Como estão sendo preservadas? De que modo a preservação dos registros da Associação de Ex-alunos auxilia na construção da memória institucional do IE General Flores da Cunha?

1.3 Objetivos

Este trabalho divide-se entre Objetivo geral e Objetivos específicos, conforme contemplados abaixo.

1.3.1 Objetivo Geral

Este estudo pretende conhecer a memória institucional da Associação de Ex-alunos do Instituto de Educação General Flores da Cunha, a partir dos seus registros documentais e narrativas, evidenciando a importância de sua preservação.

1.3.2 Objetivos específicos

- a. Contextualizar o IE General Flores da Cunha e a Associação de Ex-alunos do mesmo;
- b. identificar os registros produzidos pela Associação de Ex-alunos;
- c. caracterizar o acervo produzido pela Associação de Ex-alunos;
- d. verificar onde são armazenados tais registros;
- e. identificar que ações foram necessárias para preservação dos documentos da Associação de Ex-alunos;
- f. identificar quem foram os responsáveis pela sua preservação;
- g. analisar as informações contidas nos documentos e as narrativas dos membros da Associação de Ex-alunos.

2 INFORMAÇÃO, MEMÓRIA INSTITUCIONAL E IDENTIDADE

Esta dissertação aborda os seguintes temas e suas relações: informação e memória, memória institucional, memória, identidade e documento, segundo perspectivas teóricas de Joël Candau, Pierre Nora, Aleida Assmann, Icléia Thiesen, Le Goff, Maurice Halbwachs, entre outros.

2.1 Informação e memória

A definição da palavra informação, segundo o Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia, varia entre dados e registro de um saber:

Informação: info, information 1. bib 1.1 Registro de um conhecimento que pode ser necessário a uma decisão. A expressão 'registro' inclui não só os documentos tipográficos, mas também os reprográficos, e quaisquer outros suscetíveis de serem armazenados visando sua utilização. 1.2 Informação, na sua definição mais ampla, é uma prova que sustenta ou apóia um fato. 1.3 Registro de um conhecimento para utilização posterior. 1.4 Dados numéricos alfabéticos ou alfanuméricos processados por computador. (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 201).

O mesmo dicionário define o termo memória como: “1. Bib. dispositivo que permite o registro, a conservação e a restituição de dados, p.ex.: fichas, arquivos e recuperação automática da informação” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 243). Já o *Dicionário de Filosofia* (GREGÓRIO, 2020) define memória como: “O poder da mente de pensar sobre o passado, que já não existe, suscita problemas psicológicos (empíricos) e também problemas filosóficos mais abstratos”.

Para Icléia Thiesen (2013, p. 240), a informação e a memória se relacionam:

A informação é um conjunto de elementos selecionados pelos indivíduos, dentre uma imensa variedade de itens existentes no mundo exterior. Como um embrião, a informação forma e contém (informação). A repetição dessas impressões, ao longo do tempo, encarrega-se de transformar itens selecionados de informações em marcas, traços, que constituem o que, convencionalmente, chamamos de memória. A memória então conserva as informações que vão sendo retidas num processo de seleção.

Podemos entender que o vínculo entre informação e memória consiste em informações que são lembradas, ou seja, recuperadas em sistemas de

informação, sejam estes analógicos, biológicos ou digitais. Para Thiesen (2013), o corpo tem memória, o que envolve a genética, os fatos ocorridos na gestação, mas também aspectos sociais e institucionais. As memórias podem ainda ser imateriais e registradas no corpo:

Danças, rituais e culinária, entre outras manifestações culturais, passaram muito recentemente a ser reconhecidas como formas de conhecimento e transmissão da memória que se constituem no corpo. Os chamados patrimônios imateriais nascem sob essa perspectiva de entendimento das memórias corporais/incorporadas. (DODEBEI, 2016, p. 231).

Dodebei (2016) afirma que a memória possui uma estrutura de narrativa e a informação, no modelo contemporâneo e digital, possui uma estrutura de rede ou quebra-cabeças, na qual as peças são combinadas por demanda. No modelo digital, a memória passa por catalogação e representações informacionais para que possam ser acessadas. A autora defende que a dinâmica dos sistemas e da informação digital pode interagir e colaborar para a preservação da memória e dos processos de patrimonialização, através de um diálogo político e ético.

A memória é composta de uma seleção de informações que se fazem importantes a ponto de serem registradas (na memória humana ou em suportes) para serem lembradas, devido a sua relevância. Essas informações eleitas como memoriais são selecionadas conforme critérios, tais como representar algo que é essencial ou que se quer guardar. Nesse processo de valorização de determinadas informações em detrimento de outras, ocorre um processo de seleção que gera também esquecimento. A memória só pode existir porque o esquecimento se faz presente. Para lembrar, é necessário esquecer (THIESEN, 2013).

Podemos dizer que as informações a serem guardadas são eleitas conforme a cultura, a missão ou a alma do indivíduo ou instituição. “Neste sentido, as informações retidas, que passaram pelo filtro individual (que também é social) são organizadas e recriadas no presente, dentro de um processo dinâmico” (THIESEN, 2013, p. 241). Isto é, a memória está fortemente ligada ao presente, pois as informações rememoradas são sempre interpretadas sob a luz do agora. Durante anos houve uma ideia de que a memória se consistia de registros

permanentes, porém estudos como o realizado pelo Instituto de Neurociências da Universidade de Rockefeller, em Nova York, que recebeu o prêmio Nobel em 1972, relatam que as lembranças do passado são recriações e a memória é vista como um processo (THIESEN, 2013). Em suma, as lembranças não são aprisionadas nas células cerebrais, mas sim recombinadas a cada demanda. Sendo assim, não há memória sem o presente, o acontecimento que evoca o que foi guardado.

Mesmo quando nos referimos à memória registrada em sistemas e coleções, a cada nova informação inserida, temos um novo quadro, melhor atualizado, sobre as ideias e o pensamento daquele grupo.

Dar atenção à memória de um local demonstra profundo respeito com a cultura e senso de coerência com os objetivos propostos em sua criação. As memórias deixarão evidências da trajetória de uma instituição, facilitando o seu autoexame, relembrando aos atores envolvidos o motivo de sua existência e renovando seu propósito. Cuidar da memória pode funcionar como um antídoto ao apagamento, isto é, à inexistência de registros e igualmente à profusão exagerada de informações, à globalização e à iconorreia definida por Joel Candau (2016, p. 111):

De um lado, a hipertrofia memorial que se dá a ver na proliferação de traços: atualmente, grupos e indivíduos têm uma forte propensão a fabricar e deixar traços e, sobretudo consagram imensos esforços para conservá-los e transmiti-los sob a forma de impressões, relíquias, vestígios, ruínas, arquivos e objetos mais ou menos perturbadores. De outro lado, a exteriorização da memória que se exprime por uma profusão de imagens (difundidas continuamente, tratadas, estocadas) e que eu qualifico como iconorreia.

A informação, surgindo das ações humanas sobre o mundo, é gerada diariamente para alimentar a memória. Cultivar a memória pode impedir apagamentos culturais, pois uma seleção crítica não permite que deixemos de lado valores importantes por conta de tendências passageiras. Também não impede a inovação, mas nos dá segurança de saber quem somos ou o que a instituição para que, assim, possamos analisar se as novas informações condizem com os valores ou se é momento de nos reinventarmos.

O ser humano tem utilizado cada vez menos a faculdade primeira da memória, que é o *relembrar* em sua mente, o extrair da alma humana, segundo

a classificação de Aleida Assmann (2011). Estamos, a cada dia, utilizando em maior proporção a segunda definição de memória, a de *armazenamento*. Não podemos emitir juízos de valor sobre isso, mas é fato que a capacidade de armazenar do nosso cérebro está deixando de ser requisitada cada vez mais. Com a profusão de informações na sociedade, a capacidade exigida agora se aproxima de um analista de informações ou um bibliotecário. Do mesmo modo que em outras áreas, nossas capacidades naturais estão sendo substituídas por sistemas, deixando o ser humano livre para ocupar-se com outras questões. Por exemplo, não precisamos necessariamente dominar a técnica do fogo nem entender profundamente de agricultura, porém temos acesso a fogões e alimentos. A memória, em certa medida, parece seguir semelhante caminho.

A sociedade requisita que relembremos cada vez menos e analisemos cada vez mais, pois uma boa quantidade de informação que necessitamos se encontra a um clique de distância, no Google. Por conta de termos grande parte da memória disponível em forma de informação através de dispositivos, estudos e análises críticas são imprescindíveis para entendermos que memórias estamos conservando. Para Dodebei (2016, p. 228): “A questão é que já nos habituamos às memórias auxiliares móveis que nos acompanham, e não exercitamos a memória do corpo, a ponto de não mais sabermos o número de nosso celular”.

A memória é uma informação armazenada, conceitos que se relacionam com o conceito de identidade, que abordaremos em outra seção. Um indivíduo sem memória é alguém sem a consciência de si, pois desconhece aquelas características que o individualizam no mundo e os valores que orientam suas ações. Um indivíduo sem memória e, por conseguinte, sem identidade acaba confundindo-se com o mundo, que muda constantemente conforme a velocidade das informações.

Duas pessoas vivenciando a mesma situação terão memórias diferentes sobre ela, pois a lembrança não é algo padrão que o indivíduo adquire; faz parte de uma alquimia pessoal na qual os significados variam de acordo com diversos fatores. Para Le Goff (2013, p. 423):

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas,

graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.

O cérebro humano, apesar de ser sofisticado e possuir capacidades ainda desconhecidas pela Neurociência, não é capaz de guardar todas as informações que recebe, sendo ironicamente o esquecimento uma de suas principais faculdades. Assmann (2011) nos mostra que basicamente as metáforas sobre a ideia de memória se dividem em duas: a Tafel [tabuleta] e o Magazin [câmara]. A primeira, elaborada por Platão, não se refere a uma memória artificial, mas sim à memória natural, ou ainda a um dom misterioso divino a localizar-se nas profundezas da alma humana. A segunda é elaborada no contexto da retórica no âmbito de uma técnica de conversação persuasiva passível de aprendizado. Ambos os significados complementam-se não sendo necessário optar por apenas um deles, uma vez que a memória se apresenta como uma capacidade versátil tanto de origem natural – todos os animais possuem memória – quanto de uso artificial – é empregada nos manuais dos dispositivos eletrônicos.

Thiesen (2013) traz o conceito de memória-acontecimento, filha do caos e do que se liga à questão da criatividade, citando que engenhos desenhados por Leonardo Da Vinci (1452-1519) só foram descobertos cinco séculos depois e são aplicados hoje na tecnologia. A arte se relaciona com a memória e dá sentido à vida. Por isso a necessidade do ócio criativo, conceito de Domenico de Masi (2000) que considera que só há possibilidade de criação onde há espaço para a liberdade e o descanso para um rearranjo de conhecimentos. A memória do ponto de vista de trazer exatidão parece ser atribuída apenas às máquinas. Nos seres humanos, ela se mostra errática e incerta, seja para indivíduos ou para coletivos.

Para Candau (2016), a memória pode ser classificada em três tipos: a Protomemória, a de alto nível e a Metamemória. A Protomemória consiste em uma memória do corpo. Uma memória que adquirimos de forma automática, uma inércia adquirida pela observação e convivência que abarcam corpo e mente. Assemelha-se ao conceito de *habitus*, de Pierre Bourdieu (1983, p. 60-61), que o define como “o sistema de predisposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes”. A memória propriamente dita ou de alto nível, segundo Candau (2016), consiste em uma

recordação ou reconhecimento, evocação de lembranças autobiográficas ou enciclopédicas. E a metamemória é a representação que cada indivíduo faz da memória, o conhecimento que tem dela e do outro, podendo ser chamada também de memória ostensiva.

Esses três conceitos se aplicam aos indivíduos – não aos grupos – e às ações dominantes em uma sociedade que se tornam sua característica, não significando que todos os indivíduos ajam da mesma maneira.

De acordo com Candau (2016), apenas uma metamemória pode ser pretendida para grupos, isto é, a representação que cada indivíduo faz de uma realidade, pois é algo menos exato, sendo que cada um terá uma memória da memória de determinado fato. Para o autor, no nível de grupo, a metamemória seria apenas um compartilhamento hipotético de lembranças (CANDAU, 2016, p. 24). O mesmo vale para o conceito de identidade, que não se aplica ao grupo, apenas de forma pouco rigorosa, pois há uma disputa em ação entre várias narrativas que buscam contar fatos e mitos importantes daquele grupo, cada uma com seu ponto de vista. Candau (2016) ainda critica as chamadas “retóricas holistas” que buscam uniformizar narrativas individuais com a pretensão de encaixá-las como representativas do grupo. Porém reconhece que são úteis em alguma medida para explicar aspectos da realidade, principalmente nas áreas da Antropologia Social e Cultural, que tiveram seus jargões científicos criados em uma época em que os estudos eram focados nas massas, nos trabalhadores, nos coletivos.

Percebe-se hoje, inclusive na CI, estudos mais focados nos indivíduos situados em sua realidade específica, uma mudança de um paradigma custodial, focado na parte física dos documentos, para um paradigma pós-custodial, focado na relação dos documentos e da informação com os usuários do serviço. Uma mudança de um olhar técnico sobre a informação para um olhar voltado para as pessoas e suas realidades sociais. Araújo (2017) salienta, em seu artigo “Teorias e tendências contemporâneas da Ciência da Informação”, que a área de memória sempre esteve presente nos estudos da CI, mas ganhou mais espaço em programas de pós-graduação e linhas de pesquisa nos últimos 20 anos. De acordo com o autor, há uma progressiva mudança de estudos tecnicistas que visam à recuperação da memória para estudos que buscam o

diálogo com as humanidades, em especial com a História, por meio de aportes teóricos de autores como Pierre Nora e Maurice Halbwachs.

Estudos recentes têm se debruçado sobre as condições de produção (e o direito de participação nesta produção), de circulação (e a importância da pluralidade e da diversidade nesse processo) e de acesso (garantia de que seja o mais democrático possível) da informação na constituição da memória. [...] Aqui, também, vê-se uma crítica à ideia de informação como o preenchimento de uma lacuna dos indivíduos. Informação é entendida como o processo a partir do qual indivíduos valorizam determinados registros e, nesse processo, participam do processo de construção da memória, portanto da cultura e do real. (ARAÚJO, 2017, p. 23)

Compartilhar os mesmos marcos memoriais não significa possuir as mesmas memórias, sendo que cada indivíduo cria seu próprio caminho neural e dois observadores jamais compartilharão da mesma lembrança, pois esta é viva e se transforma a cada vez que é requisitada pela capacidade de lembrar.

A memória coletiva, para Candau (2016, p.38), não seria outra coisa do que a “memória de alguns homens imposta e repetida inúmeras vezes para todos”, sendo que toda memória é social, uma vez que é alimentada pela vivência em sociedade, porém nem toda memória é coletiva. A memória holista funciona como memória organizadora e aparece mais facilmente em grupos nos quais o conhecimento entre os indivíduos é mais denso. Logo, podemos inferir que quanto menor é o número de indivíduos e maior o seu compartilhamento de mitos e lembranças, mais coesa e uniforme é essa memória.

A memória e a História vivem em permanente tensão. A memória errática e idealizadora, como um artesanato das lembranças, muda conforme o presente, amalgamando informações passadas com novas impressões do cotidiano. Conforme mudamos, mudam as recordações. Memória não é sonho, é trabalho (BOSI, 1979, p. 17 *apud* FREITAS; GOMES, 2004, p. 3). A história com sua pretensa neutralidade, criticando a tudo e a todos, cria versões assépticas da realidade. Diante da inexatidão e particularidades da memória, a História se faz necessária. É necessário saber quando as duas podem (e se podem) conviver.

As instituições também possuem uma memória a resguardar. A seguir, entenderemos um pouco sobre a memória institucional.

2.2 Memória Institucional

Instituições como escolas, empresas públicas e privadas, templos religiosos, comércios, clubes e hospitais são consideradas pessoas jurídicas, isto é, possuem um documento que declara a sua existência a partir de determinada data, com direitos e obrigações. Durante toda a vida institucional, uma massa de documentos administrativos, documentos de divulgação e publicidade, relações interinstitucionais, objetos, mobiliário, instalações físicas e virtuais, fatos e pessoas que circulam por ela carrega memórias. Essas lembranças, quando organizadas com um propósito, constituem sua memória institucional.

Verifica-se que a literatura brasileira na área de memória institucional se divide entre termos como memória institucional, memória organizacional e memória empresarial. Adotaremos o termo memória institucional porque se relaciona de forma mais adequada com o tipo de memória que estamos abordando, uma memória com vistas a ser legado para a sociedade. Os termos memória organizacional e memória empresarial se relacionam a publicações nas áreas de gestão.

Para Thiesen (2013, p. 30), a instituição se atualiza na organização, sendo os costumes instituídos o que dão forma a elas. Segundo a autora, é importante não confundir memória da organização com memória da instituição. A primeira se refere ao tratamento da informação visando a eficiência, enquanto a segunda diz respeito a hábitos e culturas mais enraizadas na sociedade. Podemos afirmar que, quando falamos de instituição, falamos da alma do lugar, algo mais profundo que o rege, que provém dos hábitos sociais coletivos e, quando falamos de organização, referimo-nos às ações que visam resultados mais palpáveis e imediatos como lucro, produtos, serviços. Memória organizacional e empresarial nos remete à empresa. Instituição nos remete às demais instituições, geralmente públicas.

Memória institucional e organizacional são conceitos que complementam-se, porém possuem focos distintos. O primeiro conceito está ligado à área pública, sendo o trabalho realizado por servidores do estado, comumente cargos como arquivista, bibliotecário, museólogo, historiador, profissionais de

comunicação social. Já o segundo, está associada à rede empresarial e tem nos profissionais de comunicação social seu expoente (NASSAR, 2012; PARRELA, NASCIMENTO, 2019).

Paulo Nassar (2012) afirma que o Brasil sofreu, no início dos anos 90, influências de novas abordagens administrativas, como a 5S que incentivava que os colaboradores das empresas jogassem fora todos os objetos, fotografias e papéis velhos, colocando assim boa parte da memória da instituição no lixo. Após esse período, ocorreu uma corrida para recuperar a memória perdida e o ambiente empresarial, preocupado com a imagem a ser passada para a sociedade, encontrou uma nova fase para sua memória através da comunicação organizacional e de suas relações públicas.

Porém, a memória institucional não pode ser vista como um aglomerado de informações históricas sobre a instituição, mas deve servir como instrumento de divulgação e reflexão do papel social, da responsabilidade e sustentabilidade. A instituição representa uma parte da sociedade, sendo assim, salvaguardar sua memória significa também preservar a cultura.

Possuímos importantes registros de instituições que retratam o cotidiano de trabalhadores, escolas, associações, os quais nos permitem entender a evolução de costumes de épocas. Comumente Museus, Arquivos e Bibliotecas são as instituições que realizam a coleta e a gestão de memórias, porém cada instituição deve ter uma equipe própria que realize esse trabalho.

Os repositórios institucionais, por exemplo, são novas maneiras de instituições preservarem o que produzem e divulgarem sua imagem através de documentos, vídeos e outros materiais. Porém, para isso, são necessários investimentos em infraestrutura tecnológica e recursos humanos. Organizar a própria memória é uma maneira de a instituição olhar para suas estruturas e verificar o retorno social de maneira adequada, cumprindo seu papel. Representa um momento para revisão de sua missão, visão e valores.

Memória e instituição estão ligadas aos conceitos de sociedade, socialização e imagem que temos de nós mesmos e dos outros na sua relação com as instituições. Para Pazin (2019), existem três grandes áreas com as quais a memória institucional pode contribuir: o fortalecimento da cultura

organizacional, a manutenção da reputação institucional e a gestão do conhecimento corporativo.

De acordo com o mesmo autor, a apreensão da cultura organizacional ocorre em três níveis: artefatos, crenças e valores e pressupostos básicos. Artefatos são compostos pela linguagem, vestuário, documentos e memória dos colaboradores. Crenças e valores são perpetuados através da comunicação institucional, suportes documentais e, até mesmo, brindes e festas que compõem os rituais. Este nível reforça e representa a identidade do grupo. Os pressupostos básicos dizem respeito à memória que pode colaborar para o fortalecimento da imagem da instituição perante os colaboradores, no sentimento de pertencimento, fortalecimento do vínculo, criação de lideranças. Os três níveis combinados podem colaborar para fortalecer ou remodelar a cultura de uma instituição.

A área da reputação trata da imagem frente ao externo, algo cada vez mais considerado pelas instituições com o avanço da comunicação através de redes sociais e a possibilidade de feedbacks imediatos por parte do público. A comunicação com o público externo tem na memória um importante aliado, ao trazer o conceito de identidade e acompanhamento das mudanças institucionais ao longo do tempo. É a memória de que uma instituição possui mais resultados positivos do que negativos que colabora para proteger sua imagem em momentos de crise.

Gestão do conhecimento como ativo: consiste na captura e organização do conhecimento gerado localmente de forma que este retorne em forma de valor à organização. “A criação do conhecimento na empresa precisa de mecanismos de preservação e de disseminação da informação que, utilizados em conjunto, permitam a recuperação, a socialização, a externalização, a combinação e a internalização [...]” (PAZIN, 2019, p. 97).

A recuperação da memória representa a imagem que uma instituição deseja preservar de si mesma perante a sociedade e é diferente das memórias pessoais e de seus colaboradores. Porém, de acordo com Thiesen (2013), as práticas sociais refletem as instituições. Ou seja, as ações dos indivíduos e dos colaboradores da instituição são o insumo que dá vida à memória daquele local. Há um movimento de preocupação por parte das instituições sobre sua imagem

perante a sociedade, razão pela qual há grande interesse no registro e na divulgação de suas produções e atividades.

Na perspectiva de Thiesen (2013), a instituição tem vida. É uma entidade que nasce geralmente com um documento de fundação que expressa a vontade humana e coletiva. Inclusive os eventos, curtos encontros com data de início e de fim, são considerados entidades, todavia transitórias. As instituições, tal qual as concebemos nesta sociedade urbana e globalizada, nasceram justamente em uma época de passagem do homem do campo para as fábricas. As relações saber-poder passam por um processo de institucionalização e suas raízes se encontram na História. Era necessário 'domesticar' essa massa populacional, sendo assim a maioria das instituições que conhecemos hoje foram criadas em uma época de transição e extremo controle dos corpos.

Para Thiesen (2013), a instituição é fruto de demandas sociais variadas, resposta a determinado problema. Jamais a instituição é um fenômeno individual. Sua natureza é coletiva. A memória não é apenas a recuperação que se dá no presente de informações que tiveram existência no passado. Essa é a memória-arquivo, apoiada em diversos suportes, que também é relevante para as instituições, pois são os registros arquivísticos que permitem acesso a detalhes administrativos e particulares de seu funcionamento. Memória institucional não é o mesmo que setor de arquivo, porém os documentos arquivísticos ajudam a compor a memória.

Não haveria como permitir oficialmente o devir nos espaços das instituições sob pena de desorganização social, uma vez que a instituição tem sua própria identidade, que precisa de certa constância para continuar existindo. Ora, se modificasse a cada semana sua visão, missão ou seus valores, como saberíamos para onde estaríamos voltando? Em prol de qual causa aquela instituição atua? A constância é necessária, porém não pode haver o congelamento, sob pena de cair em desatualização e esquecimento. Seria inútil lamentar a falência e a morte das instituições. O modelo de encarceramento, por exemplo, está falido, o asilo, o hospício, entre outros. O Devir as corrói por dentro (THIESEN, 2013).

As instituições nascem das relações sociais e têm o papel de formalizar as realidades. A industrialização serviu de berço para a quase totalidade de

nossas instituições, pois formou e formatou o corpo social que precisava ser “docilizado” para novas formas de trabalho e para a vida urbana, tão distante da vida do campo.

Segundo Goffman (*apud* THIESEN, 2013), existem cinco agrupamentos de tipos de instituições:

- 1 – instituições para cuidar de pessoas e se pensa que são inofensivas: casas para cegos, pessoas com idade avançada, órfãos, indigentes
- 2 – locais para pessoas que são incapazes de cuidar de si mesmas e que oferecem ameaça à comunidade: sanatórios, hospitais para doentes mentais, leprosários
- 3 – instituições para proteger a comunidade contra perigos intencionais: cadeias, campos de prisioneiros de guerra, campos de concentração
- 4 – instituições para instrumentalizar uma tarefa de trabalho: escolas internas, quartéis, campos de trabalho
- 5 – locais para refúgio do mundo (também servem como locais de instrução para religiosos): abadias, mosteiros, conventos e claustros

Se não mudarmos, as instituições não mudam. Estas nunca serão melhores do que as pessoas que nela trabalham. Elas precisam da repetição para continuar existindo, nisso consiste sua identidade. Todavia, para mudar práticas, necessitam esquecer regras antigas. Para isso, precisam da interrupção de uma série, do novo.

Para priorizar o que lembrar, é preciso, também, esquecer. No nível institucional, o esquecimento acontece, por exemplo, através da anistia, que é “o esquecimento oficial de acontecimentos passados, que se institucionaliza em forma de perdão” (THIESEN, 2013, p. 257). Porém, todas as formas de esquecimentos institucionais moldam uma versão oficial e harmoniosa da realidade. Isso não significa que os atores envolvidos de fato esqueceram o ocorrido. Nesse sentido, segundo Thiesen (2013, p. 258), “a memória é fonte de história, mas também instrumento de resistência”. Por vezes, as versões institucionais não traduzem os sentimentos dos indivíduos que dela participam, ou seja, quando trata-se de um grupo, de um coletivo, não há um discurso memorial único. Apesar de ser esta a intenção da História como disciplina, ela conta apenas versões dos fatos; a versão de quem ou do grupo que a escreveu, o grupo dominante. Nesse sentido, a memória guarda as subjetividades dos indivíduos e de pequenos grupos, quando nos referimos à sociedade.

As instituições regulam a socialização e a vida nas cidades, a própria criação desses centros urbanos ocorreu devido às instituições para o trabalho. Se possuímos, no século XXI, instituições em crise, é necessário repensar formas de vivê-las e criá-las. Modelos participativos, interativos e transparentes se tornam cada dia mais populares e necessários. Precisamos entender que as instituições e tudo o que delas participa são somente para as pessoas, usuários e colaboradores. É necessário dar um salto qualitativo de mentalidade da época das instituições punitivas para a era das instituições colaborativas (THIESEN, 2013).

Para a realização dessas mudanças, é preciso conhecer a instituição a fundo, sua identidade, o que ela cultivou ao longo do tempo. Nesse sentido, as instituições que investem em projetos de memória possuem vantagem, ao estabelecer um mapeamento de práticas, procedimentos, eventos ao longo do tempo. Conhecendo a identidade da instituição, é possível, através de práticas de seleção (ou esquecimento), abrir espaço para o novo, o que permite que ela se atualize, respondendo às necessidades sociais, que são mutáveis.

Toda instituição existe por um balanço entre inércia e criatividade, precisando, assim, reter práticas e informações para que estas se repitam e continuem dando sequência à sua existência, sanando necessidades sociais. Para este relembrar, a instituição utiliza de regulamentos, práticas, rituais, treinamentos, diferentes formas de repassar a frente seu conhecimento. Existem diversas formas de repassar o pensamento institucional à frente e nelas podemos perceber os lugares de memória, como demonstramos na próxima seção.

2.3 Lugar de memória

A ligação humana com os lugares está intimamente ligada à memória. A começar pela própria casa, pois são poucos os indivíduos que toleram viver sem um espaço próprio, como os ciganos e outros nômades. Mesmo estes, ainda assim, possuem ligação com o lugar e a cidade, passando por acampamentos, acúmulo de objetos e períodos de repouso.

Nora (1993) entende a memória num sentido no qual é preciso conhecer a História para não repeti-la. Repetindo-a ou não, o certo é que podemos aprender com ela. Ainda para Nora (1993), hoje existem lugares de memória, onde esta se cristaliza por não haver mais meios de memória. A História se opõe à memória, ao ser crítica. A memória dita enquanto a História escreve.

O primeiro lugar de memória percebido neste trabalho é a própria Associação de Ex-alunos do Instituto de Educação. Para Stelamares Coser (2017), os lugares de memória são:

lugares individuais familiares, comunitários ou nacionais, na forma de álbuns de música ou de retratos, livros, praças, monumentos ou comemorações, eles vêm substituir as memórias vivas na tentativa de que elas não se percam.

Já na visão de Nora (1993, p. 13), lugares de memória são “museus, arquivos, cemitérios, coleções” Podemos somar a eles, os monumentos – que podem ser locais físicos, como prédios e objetos, mas também itens de natureza imaterial, como datas comemorativas. Esses lugares existem por conta da desritualização do nosso mundo, que valoriza mais o novo em detrimento do antigo.

Foi Nora quem cunhou e popularizou o termo “lugares de memória”, que, em linhas gerais, são todos os lugares materiais ou imateriais que a memória utiliza para apoiar suas lembranças. po

Porém, autoras como Jô Gondar (2005) e Assmann (2011) se contrapõem ao tom pessimista de Nora e enxergam estes lugares como Espaços de recordação.

Subentende-se um lamento pelo esfacelamento da identidade nacional e comunitária, bem como a crença de que devemos contrabalançá-lo de algum modo; neste sentido os lugares de memória são uma tentativa de tentar compensar o que foi destruído. O discurso de Nora é um discurso de perda, há nele uma dificuldade de positivar as mudanças do tempo, mudanças nos modos de sentir, perceber e lembrar que caracterizam as sociedades contemporâneas, como se nos restasse apenas a compensação nostálgica de uma situação originária. (GONDAR, 2005, p. 21)

Quando a comunidade por si mesma não vive a memória nem define sua identidade, são necessárias instituições sociais. Referências fora de nós para apoiar-nos. Por exemplo: em sociedades ágrafas, a memória está viva nos rituais

diários, nas pinturas dos corpos, na religiosidade, na relação com seus antepassados, ou seja, elas não precisam de lugares de memória tal qual conhecemos em nossas sociedades ditas civilizadas, pois a memória se encontra presente em sua vida, não sendo necessário um grande movimento, como uma estátua, leis e regulamentos para o lembrar.

Alterações sociais como o “fim do mundo camponês e suas tradições” (COSER, 2017 p. 237), como o êxodo rural ocorrido no Brasil nos anos 70 e 80, trazem à tona a necessidade de criação de lugares para relembrar quem se é, quando se está longe do lugar de origem. Com a urbanização e o deslocamento populacional, há uma fome de memória, como uma maneira de reafirmar sua identidade nos novos centros urbanos industriais. Foi nessa época que surgiram no Brasil centros de memória e estudos de comunidades e setores sociais subvalorizados (COSER, 2017, p. 238).

Aos poucos, instituições começam a valorizar esses saberes e, segundo Nassar (2012), por volta dos anos 90 e 2000, algumas delas, líderes em seus segmentos, iniciaram trabalhos de memória, como: Memória de trabalhadores da Petrobrás, Vale Memória (Vale do Rio Doce), BNDES das pessoas, Centro de Memória Bunge, Memória da eletricidade (Eletrobrás), Projeto Memória das profissões em extinção (promovido pela CUT), Memória Votorantim. Outras instituições como as judiciárias e legislativas também investem recursos para fins memoriais. O que se observa é que, quanto maior o volume de recursos de que uma instituição dispõe, maior a probabilidade de ocupar-se de sua memória. No que tange à memória das instituições escolares, podemos dizer que está distante das citadas acima, porém existem iniciativas promissoras tanto no nível da prática quanto da pesquisa. Abordaremos a memória escolar na próxima seção.

No nível institucional, os lugares de memória são entendidos como todos aqueles que recordam a instituição quem ela é, que renovam diariamente seu hábito. Podem ser os estatutos de fundação e regimentos, que definem o propósito, as regras de convivência, os horários de funcionamento e o público-alvo da instituição. Ou ainda as datas de fundação, os eventos importantes, as reformas, as histórias de vida de seus fundadores e colaboradores, os produtos e os serviços oferecidos pela instituição, o próprio prédio institucional e todos os

lugares físicos e as cidades por onde a instituição se divide. Muitas instituições fizeram, por exemplo, parte do momento de fundação de cidades ou contribuíram para trazer inovação e serviços únicos, marcando, além das memórias individuais de seus trabalhadores, as memórias individuais dos cidadãos da cidade, bem como a memória coletiva do local. Em cidades que abrigam grandes instituições, como universidades, mineradoras, hidrelétricas, boa parte da população ou tem participação ativa nelas, ou relaciona-se com pessoas que tiveram, ou escutou uma história e tem uma imagem mental do lugar.

Nossa impressão pode se basear não apenas na nossa lembrança, mas também na de outros, nossa confiança na exatidão de nossa recordação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada não apenas pela mesma pessoa, mas por muitas (HALBWACHS, 2006, p. 29).

Instituições são validadoras de realidades, condições médicas, condições sociais, ao produzirem diversos tipos de atestados, por exemplo. Toda a vida social é permeada por elas e seus lugares de memória podem se apresentar tão variados como o número de instituições existentes.

Lugares de memória podem ser tanto geográficos quanto ter forma de objeto móvel: “Objetos e espaço por não mudarem nos dão uma sensação de estabilidade” (HALBWACHS, 2006, p. 157). Podem também ser lugares onde nossa memória pode se ancorar. Para Halbwachs (2006, p. 160), “os objetos estão perto de nós como uma sociedade muda e imóvel. Eles não falam, mas nós os compreendemos porque têm um sentido que familiarmente deciframos”. Uma mudança no cenário onde costuma-se habitar, traz consigo mudanças nas relações do grupo com o lugar.

Para Silva e Mesquita (2004, p. 121), o lugar é “centro de significados que mobilizam nosso intelecto e nossas emoções”, sendo qualquer objeto estável que capta nossa atenção. A cidade é um centro de significados por excelência. A própria cidade é um símbolo. Impregnamos o lugar com os sentidos atribuídos por nossa sensibilidade. Temos uma ligação afetiva com a cidade. Nossas memórias necessitam um objeto para se agregarem.

Para Mesquita (2004, p. 121), há uma diferenciação entre lugar, espaço e território. O espaço é um local mais amorfo, isento de significados, o território,

como o nome indica, é algo pertencente a um domínio, e o lugar, “o lócus das vivências afetivas capazes de evocar sua presença mesmo em sua ausência diante de nós”.

Difícilmente vamos a um lugar sozinhos, muitas vezes há a indicação de um amigo, a ex-escola de sua mãe, algum ponto de referência familiar ou conhecido. Carregamos memórias compartilhadas que se relacionam tanto com lugares de passeio quanto com ambientes que estamos acostumados a frequentar.

Os lugares formam um pano de fundo silencioso que povoa nossas memórias. Muitas vezes nem sabemos sua história, mas a nossa foi impressa sobre eles, permanecendo assim em nosso imaginário. São ruelas, becos, praças, árvores, esquinas e caminhos que cruzamos para chegar ao trabalho, que não representam nada em específico, mas que são cenários de muitos pensamentos, insights e silêncios. A cidade como portadora de sentidos nos empresta suas cores e fios com os quais bordamos nossas lembranças, significados e pertencimentos.

A atual sociedade costuma considerar sua existência do ponto de vista intelectual, psicológico e tecnológico. Porém, a materialidade e a fisicalidade possuem papel maior do que comumente considera-se, incluindo-se na formação de nossas memórias. Vivemos na cidade, muitas vezes sem percebê-la, porém, quando somos privados dela, a lembrança dos lugares aonde já não podemos ir vem insistentemente à memória. É o que ocorre na pandemia de Covid-19, para a qual a principal medida de proteção, o isolamento social, causa sérios danos à saúde mental. Mesmo utilizando as redes sociais, vivendo uma vida cada dia mais digital durante da pandemia, há inquietação no isolamento, que separa das pessoas, nos privando de afeto, e também dos espaços onde isso ocorre. São esses lugares que acabam recebendo, na memória, toda a carga emocional que as relações causam. O ambiente doméstico é apenas um dos muitos lugares onde o indivíduo habita. Outro lugar relevante é a escola e as relações derivadas dela.

Se a cidade configura-se como plano de fundo de memórias, a escola é o cenário principal até certa etapa da vida. Instituição que reflete a visão de mundo de determinada sociedade, a escola como instituição passou por inúmeras

mudanças de formatos, nomenclaturas, influências. De instituição de pessoas com privilégios até chegar ao ensino público e gratuito, a instituição escolar no Brasil, apesar de uma trajetória importante, não é a primeira a ser lembrada quando falamos em memória institucional.

A seguir abordaremos a escola como lugar de memória e de construção da identidade, o que para nós configura-se como um dos motivos plausíveis para a preocupação social com sua preservação.

2.4 Escola como lugar de memória e construção da identidade

A escola é local de transmissão de informações e formação intelectual e social. Nela forma-se boa parte da personalidade através dos conteúdos aprendidos, das relações com professores, das amizades e da escolha profissional. É ali que se adquire e se absorve a cultura escolar – que, assim como a Protomemória (CANDAUI, 2016), se assemelha ao *habitus* (BOURDIEU, 1983). Maria Setton (2002), em uma releitura desse conceito, considera-o híbrido: o sujeito forma-se a partir de referências sociais distintas e não necessariamente coerentes entre si. De acordo com a autora, as principais fontes de formação contemporâneas são a escola, a família e a cultura de massa.

Segundo o IBGE (2018), o brasileiro passa em média nove anos na escola. É muito tempo absorvendo a cultura escolar, sendo inegável sua influência nas trajetórias dos indivíduos. O espaço escolar é palco de uma memória coletiva em vários momentos: quando alunos se despedem com juras de jamais se esquecer uns dos outros; quando se encontram, presencial ou virtualmente e externam a maneira como conviveram; quando retornam à escola como visitantes. A escola molda parte da personalidade e da identidade. É nela que geralmente criamos nossos primeiros laços emocionais extrafamiliares. Merece atenção de todos os campos de estudo, uma vez que é na escola que depositamos todo o conhecimento e ideias de sociedade, almejando que os jovens o reproduzam, o transcendam e sejam cidadãos melhores que as gerações que os antecederam.

A escola é um lugar consagrado das construções de memória e identidade que o indivíduo adquire. Durante sua vida escolar, ele recebe um conjunto infinito

de símbolos e mensagens, seja de natureza intelectual ou pessoal. Essa é a chamada “socialização secundária” (BERGER; LUCKMANN, 2004). A primária se restringe ao âmbito familiar e acontece na primeira infância. Na socialização secundária, tomamos contato com pessoas de culturas diferentes, com regras de convivência, com diferentes papéis, com a noção de hierarquia para além do binômio pai e mãe – na escola há a figura de alunos, professores, gestores, pedagogos, bibliotecários, auxiliares. É também na escola que o sujeito passa a tomar contato com o calendário de festividades e comemorações sociais, sendo exposto a eventos de diferentes culturas. O indivíduo não nasce membro da sociedade, precisa apropriar-se dos símbolos do meio. Após esta socialização, há o início da compreensão do contexto institucional, a consciência de que as regras familiares não são as únicas a reger o mundo.

No que tange à cultura, observamos que a escolar é comumente visualizada sob o ponto de vista oficial do estado e que são importantes estudos que abordem outras narrativas, como as produzidas pelos alunos. Para Freitas e Gomes (2004, p. 3),

os setores sociais deixados de fora nos processos de institucionalização da cultura, outro subproduto da luta pela memória social, vinham predominantemente seguindo os caminhos da memória na preservação de sua cultura e de suas lutas: a oralidade e a informalidade.

Sendo assim, merecem atenção nos estudos de memória coletiva, pois “a memória dos indivíduos é socialmente determinada, depende da interação destes com a família, com a classe social, com a escola, com a profissão, etc.” (FREITAS; GOMES, 2004, p. 2). Para Thiesen (2013, p. 258), “grupos sociais guardam em silêncio suas lembranças em uma espera que se nutre de memórias. No momento oportuno, as memórias emergem e ocupam o campo social”. Podemos verificar isso em iniciativas recentes que buscam externalizar narrativas alternativas sobre a trajetória de diversos grupos e minorias, como mulheres, quilombolas, indígenas, negros, etc. Esses discursos alternativos têm importância, pois criam também uma parte da memória institucional – que é coletiva e, por isso, possui multiolhares. Conforme Thiesen (2013), a memória

deve ser contada utilizando outras fontes além dos documentos oficiais de uma instituição.

Segundo Candau (2016), a identidade é construída a partir de uma aprendizagem e reiteração do passado. No que se refere à coletividade, é necessário pensar o que conservar? Como conservar? Quem conserva? Como transmitir? Por que transmitir? Para transmitir, é preciso guardar, preservar, divulgar.

Nada seria possível sem a extensão da memória, possibilitada pela transmissão de signos desde as paredes das cavernas até o advento da escrita. Logo os livros e os registros impressos foram os grandes responsáveis pela estocagem de conhecimentos ao longo do tempo, mesmo para os iletrados, pois, em épocas de baixa alfabetização, eram comuns as exortações em praça pública (BURKE, 2003). Além disso, o livro carregava o texto orientador das memórias individuais dos que tinham acesso à leitura, funcionando como um uniformizador tendencial dos horizontes mentais. A escrita, para uma cultura que se pretende registrar, representa uma seleção de fatos e é limitada em representações, além de não refletir a possibilidade de mudanças que ocorre com qualquer organismo vivo.

Com o estabelecimento e a profusão de registros, temos o efeito paradoxal que mostra ser delicado escolher quais serão as informações a serem resguardadas e quais serão esquecidas. O que parece “lixo” para uma geração, pode ser informação preciosa para outra. Candau (2016) ainda aponta que a expansão da memória pode ser um obstáculo à transmissão de recursos identitários por dispersão e rememoração banal. Sempre que um saber é formalizado, outro é bloqueado pela prática da seleção. Esse parece ser o processo de institucionalização das práticas sociais. Na luta por preservar sua regularidade, as instituições trazem consigo saberes e rituais que devem ser repetidos por seus indivíduos *ad infinitum*. Essa repetição se dá através da força do hábito e do apoio da memória. Mas é preciso destacar que o próprio hábito, que é natural, é uma forma de memória (THIESEN, 2013).

No que diz respeito às instituições escolares, que são pano de fundo da nossa pesquisa, Rios (2020) assinala que:

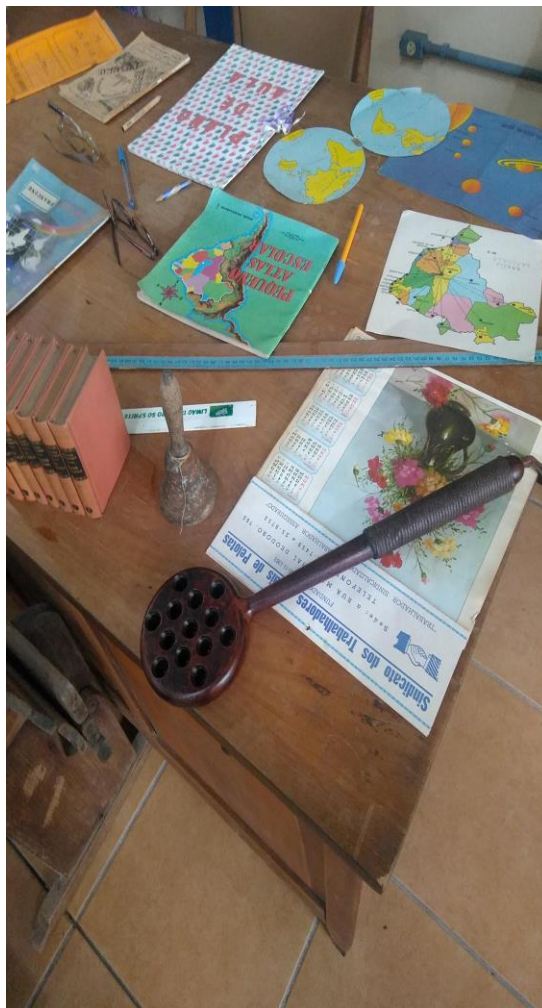
No Brasil há iniciativas reconhecidas de cuidado com acervos históricos escolares, comprometidas com a preservação e organização sistemática de vestígios ligados às práticas educativas, funcionando especialmente no âmbito de universidades públicas, além de alguns museus escolares, mantidos por iniciativa das próprias instituições, públicas ou privadas, mas que não figuram como políticas públicas de memória educacional. (RIOS, 2020, p. 2)

Observamos três iniciativas importantes no estado do Rio Grande do Sul, ligadas à Universidade Federal de Pelotas (UFPel), que se destinam a preservar a memória escolar: o Hisales – História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares; o Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (CEIHE) e o centro de documentação (CEDOP), vinculado à iniciativa anterior.

O Hisales é um centro de memória e pesquisa, constituído como órgão complementar da Faculdade de Educação (FaE) da UFPel. Já o CEIHE, que também está vinculado à FaE da UFPel, foi criado em 2002. Em relação à organização e estrutura funcional, subdivide-se em dois setores com atuação relativamente diferenciada, mas estreitamente interligada: o CEDOC e um centro de pesquisa (ARRIADA; TAMBARA; TEIXEIRA, 2015). Essas iniciativas se ocupam de salvaguardar, catalogar e divulgar livros, revistas, mobiliário educativo, cadernos de alunos, objetos escolares e outros artefatos que ajudam a contar a história e preservar a memória da educação.

Abaixo (Figura 1), uma foto de um instrumento de castigo chamado palmatória que compõe o acervo do Hisales:

Figura 1 – Palmatória



Fonte: Acervo Hisales. Fotografado pela autora.

A palmatória foi introduzida por jesuítas no Brasil e era utilizada para disciplinar alunos nas escolas até meados dos anos 80.

Os castigos físicos fizeram parte da ação docente e da vida escolar das crianças durante séculos. Seja na educação doméstica (realizada nas casas dos alunos, muito comum até os anos 1800) ou nas instituições escolares, a palmatória e o milho foram artefatos amplamente utilizados por professores para punir comportamentos considerados em desacordo com as normas (ARAGÃO; FREITAS, 2016, p. 22).

As memórias escolares não se compõem apenas de práticas de castigo, porém esse é um exemplo de trabalho que guarda uma memória que chega ao nosso conhecimento por conta de iniciativas que preservam esses vestígios materiais.

No que se trata de vestígios digitalizados, temos o exemplo do Colégio Pedro II, localizado no Rio de Janeiro, que foi objeto de estudo da dissertação

de mestrado de Priscila Côrbo (2013), intitulada: *Repositório Institucional: um olhar para a preservação e acesso aos documentos de memória histórico-institucional do Colégio Pedro II*. O Colégio Pedro II foi fundado em 1837 na cidade do Rio de Janeiro, tendo sido originado de um Seminário fundado em 1739 (CÔRBO, 2013). Tem status de autarquia federal, possuindo um núcleo próprio que trata da memória institucional:

O Núcleo de Documentação e Memória é um centro de documentação especializado no tratamento, preservação e divulgação das obras do acervo arquivístico, bibliográfico e iconográfico do CPII, e, ainda, presta assistência às pesquisas e projetos em diferentes áreas do conhecimento. Este Núcleo caracteriza-se como fonte principal de informação para o estudo da história da educação brasileira. (CÔRBO, 2013, p. 92)

O Colégio Pedro II conta com estrutura de digitalização e repositório institucional, o que proporciona difusão do acervo, evitando desgaste de originais, preservando a memória e proporcionando aos pesquisadores de diversas regiões o acesso aos seus acervos. Algo semelhante acontece como política nacional de educação em um país vizinho ao Brasil, a Argentina. Segundo Rios (2020, p. 2):

Dentre as políticas de memória argentina, destaca-se a existência, desde 2007, do Programa Nacional de Archivos Escolares, vinculado à Biblioteca Nacional de Maestros (BNM), que visa valorizar os arquivos escolares e salvar do esquecimento as experiências educativas, tendo os acervos das escolas como chave para isso.

Essa política se baseia em legislação específica e consiste em uma rede de iniciativas que atuam na preservação, no gerenciamento e na disponibilização através de quatro pilares: Programa Bibliotecas Escolares e Especializadas da República Argentina (BERA), a Red Nacional de Bibliotecas Pedagógicas, o Sistema Nacional de Información Educativa (SNIE) e o Programa de Archivos Escolares y Museos Históricos de Educación.

Como citado anteriormente, o Brasil não possui uma política que resguarde os vestígios documentais escolares de forma a facilitar a formação de acervos que permitam a pesquisa sobre a memória e a história das escolas dessa área. As iniciativas existentes são das próprias instituições e de

pesquisadores interessados pelo tema. Vislumbramos, assim, brechas nas quais a CI pode colaborar com profissionais da História da Educação, da Memória social e áreas afins.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Pretendendo aprofundar o conhecimento sobre o tema central desta pesquisa, além da leitura de livros da área, foi realizado um levantamento bibliográfico prévio da produção científica no tema memória institucional. Esta pesquisa teve como intuito conhecer os principais conceitos da área em questão e elaborar um estado de arte.

Para entender a dimensão do termo memória institucional, foi realizado um levantamento de teses e dissertações na base Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações(BDTD), que abarca conteúdo de diversas áreas do conhecimento. Além disso foi feita pesquisa na Base de Dados em Ciências da Informação (BRAPCI) por ser específica desta área do conhecimento.

Na BDTD, encontramos, conforme mostra o quadro abaixo, 45 teses e dissertações buscando a expressão memória organizacional e 33, usando o termo memória institucional. Na pesquisa com a primeira expressão, encontramos trabalhos sobretudo com a temática na área de administração, representando mais da metade dos resultados (25). Em segundo lugar, ficaram os trabalhos na área de CI, com oito ocorrências. Os demais são da área de Gestão do conhecimento, Comunicação e Educação.

Com o segundo termo de busca, encontramos 33 teses e dissertações, das quais quase a metade é da CI. A área de memória social foi a segunda colocada com cerca de 15% dos trabalhos. As demais pesquisas pertencem, em sua maioria, às Ciências Sociais Aplicadas. É evidente que o termo memória institucional é representativo dentro de CI por somar um maior número de trabalhos. A tese de Icléia Thiesen, *Memória institucional: a construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica*, foi representativa nos trabalhos realizados no âmbito da CI, tendo sido amplamente citado e contribuído para a adoção frequente do termo na área, em detrimento de memória organizacional.

Quadro 1 – Resultado de busca na base BDTD

Estratégia de busca	Instituições	Tese	Dissertação	Ano	Área
Memória organizacional	UFSC 10 MACKENZIE 4 UNILASALLE 4 FECAP 3 UFPR 3 UNESP 3 UFRGS 2 UNB 2 UNIFOR 2 FGV 1 FIOCRUZ 1 IBICT 1 METODISTA 1 PUC_RIO 1 UFMG 1 UFPB 1 UFPE 1 UFS 1 UNIPAMPA 1 USP 1 UTFPR 1	6	39	2002 até 2019	25 ADM/GESTÃO 8 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO 5 TI, ENGENHARIA E GESTÃO DO CONHECIMENTO 4 COMUNICAÇÃO 3 EDUCAÇÃO
Memória institucional	IBICT 3 UFPB 3 UFRGS 3 UNB 3 UNILASALLE 3 UFRJ 2 UFSM 2 FGV 1 IEN 1 MACKENZIE 1 PUC_RIO1 UEL1 UFC 1 UFCG 1 UFPE 1 UFPR 1 UFRN 1 UFSCAR 1 UNESP 1 UNIPAMPA 1 UNISANTOS 1	3	30	1992 até 2020	13 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO 5 MEMÓRIA SOCIAL 4 EDUCACAO 3 COMUNICAÇÃO 2 DIR.HUMANOS E HISTÓRIA 2 GESTÃO 1 PSICOLOGIA 1 CIENCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE 1 PSICOLOGIA 1 ARTES

Fonte: Dados da pesquisa, 2021

Na base de dados BRABCI, como estratégia de pesquisa, foram utilizadas as seguintes palavras-chave: memória institucional, memória organizacional, memória empresarial e memória corporativa. A cobertura temporal considerada foi do ano de 1972 até 2020 e a pesquisa abrangeu todos os campos disponíveis:

autor, título, palavra-chave, resumo e texto completo. Obtivemos os seguintes resultados:

- Termo memória institucional: 206 trabalhos
- Termo memória organizacional: 73 trabalhos
- Termo memória empresarial: 14 trabalhos
- Termo memória corporativa: 1 trabalho

O termo memória institucional, como se pode notar, é o mais representativo na grande área da CI, o que confirmou a nossa escolha para este trabalho. Esse levantamento também mostrou que a maior parte das pesquisas foram realizadas no âmbito da Arquivologia e Museologia, tendo a Biblioteconomia apresentado menor expressão.

Lima, Oliveira e Moura (2017) realizaram levantamento de trabalhos sobre memória institucional no GT Memória do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), encontrando seis trabalhos apresentados entre os anos de 2010 e 2016.

Esta pesquisa de natureza qualitativa utiliza o método de Estudo de caso. As técnicas de coleta de dados utilizadas foram: a Análise documental e a Entrevista. A análise dos dados foi realizada através da Análise de Conteúdo. Através do estudo das informações contidas nos registros documentais produzidos pela Associação de Ex-alunos, buscamos compreender como ela auxiliou na construção da memória da instituição escolar do IE, ao preservar a memória de um coletivo de ex-alunos.

3.1 A Associação de Ex-Alunos do IE como objeto de pesquisa

A Associação de Ex-alunos do IE foi fundada em 1960 com o intuito de aproximar ex-alunos da sua antiga escola. Sempre foi ponto de apoio para movimentos culturais na comunidade escolar. Produziu, durante sua trajetória, uma vasta documentação impressa resultado da atuação de suas diretorias que auxiliaram na construção da memória institucional do IE, registrando e salvaguardando sua memória. Com a questão das obras de restauro do prédio

da entidade e seu deslocamento para a escola Dinah Neri, já não havia espaço para a documentação, que foi entregue para higienização, estudo e salvaguarda temporária ao projeto “Estudar para Ensinar”, aos cuidados da professora Andreia Dalcin, da UFRGS.

No primeiro contato que tivemos com esse material, foi realizada uma pesquisa na web para extrair informações formais com o intuito de aprofundar nosso conhecimento sobre as ações atuais da Associação. A surpresa foi que não havia página específica dela. Apenas indexadores automáticos que informavam número de telefone e endereços antigos. No verbete do Instituto de Educação General Flores da Cunha na Wikipédia, há um link externo para o site da Associação, porém não estava ativo. Logo percebemos que havia uma lacuna, um apagamento e uma história a ser contada.

Mesmo sem informações na web, a Associação continuava ativa e com atividades semanais. Chegamos às informações sobre as próximas atividades através da coordenadora do Projeto Estudar para Ensinar, que mantinha contato com uma das integrantes. A próxima atividade seria uma comemoração, um chá pelo Dia do Amigo. Comparecemos a essa ocasião, realizada numa sexta-feira à tarde, na Escola Dinah Neri Pereira (Av. José Bonifácio, em Porto Alegre), uma das três escolas que abrigam as atividades do Instituto de Educação Gen. Flores da Cunha enquanto seu prédio é restaurado.

Reuniram-se cerca de 30 integrantes da associação e o regente de seu coral, que realiza ensaios semanais. Nossa recepção foi acolhedora, com chá, bolo e salgados de festa. Houve também sorteio de brindes, no qual ganhamos um espelho de bolsa. Será essa uma metáfora para olhar para nós mesmos e perceber que parte de nós nos havia levado até ali? O que nos dizia que aquele era nosso objeto de pesquisa, em detrimento de outro escolhido meses antes? O que indicava que ali havia algo especial prestes a ser esquecido por desventuras da história e da política que fecham prédios, despejando alunos, professores, histórias, memórias e acervos? A participação na festa do Dia do Amigo trouxe a percepção de que ali iniciava uma amizade com a Associação e que essa nova amiga corria um sério risco de perder seus registros memoriais.

3.2 A Pesquisa qualitativa e o Estudo de caso

Devido à natureza do nosso objeto e à complexidade e unicidade do material a ser analisado, envolvendo instituição, narrativas pessoais e memórias, entendemos que a pesquisa qualitativa através do Estudo de caso é o método mais apropriado.

A pesquisa qualitativa se caracteriza por buscar obter um conhecimento mais profundo da realidade social, em especial, neste caso, do fenômeno informacional. De acordo com Martins e Theóphilo (2009, p.140), a pesquisa qualitativa se faz presente em três situações:

- a) Quando a evidência qualitativa substitui a simples informação estatística de épocas passadas;
- b) para capturar dados psicológicos;
- c) para descobrir e entender a complexidade e a interação de elementos relacionados ao objeto de estudo.

Após a coleta realizada com a escolha do método mais apropriado a o objeto, é feita a categorização e posterior análise e abstração destes dados, comparados à literatura pertinente.

Na obra *Estudo de caso*, Yin (2001, p. 22) salienta que esta metodologia de estudo permite

uma investigação que preserva características holísticas e significativas dos eventos da vida real. Enfrenta uma situação tecnicamente única em que haverá muitas variáveis de interesse.

Para um Estudo de caso, são especialmente importantes cinco elementos, segundo Yin (2001, p. 22):

- a) As questões de um estudo;
- b) suas proposições, se houver;
- c) sua unidade de análise;
- d) a lógica que une os dados às proposições; e
- e) os critérios para se interpretar as descobertas.

O Estudo de caso é uma metodologia para todos os tipos de pesquisadores, dos mais experientes aos principiantes, segundo Robert C. Bogdan e Sari Knopp Biklen (1994). Permite a análise detalhada e profunda de um único objeto, situação ou local. O investigador inicia escolhendo o seu objeto, um grupo de pessoas ou situação à qual vai lançar exclusiva atenção durante o percurso da pesquisa. Ao longo do processo, poderá modificar sua estratégia, optando por formas diferentes de coletar dados ou abordar seu objeto, conforme se inteira de seu conteúdo. Ainda segundo Bogdan e Biklen (1994), os estudos de caso podem ser de três tipos:

- a) De organizações em uma perspectiva histórica;
- b) de observação;
- c) de histórias de vida.

Esta pesquisa usa o primeiro tipo, que busca recuperar a história de determinada instituição, os motivos de sua criação ou de seu encerramento, suas atividades e sua contribuição social. Por meio de entrevistas às pessoas que viveram a instituição na época ou de registros existentes, o pesquisador consegue montar e remontar a trajetória de determinado lugar conforme o viés escolhido. Para isso é necessário obter acesso a número suficiente de pessoas que experienciaram o lugar e/ou acesso a documentos e registros confiáveis (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

3.3 Análise documental

Jacques Le Goff nos adverte que nenhum documento é inócuo. Todo documento é manipulado, mesmo que seja pelo silêncio. Menos neutro ainda é o pesquisador que dele se serve, pois seleciona e analisa o documento com um olhar marcado historicamente e intencionalmente conforme a época. “O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si

próprias” (LE GOFF, 1996, p. 472). Para Laurence Bardin (1977, p. 45-46), a Análise documental é:

operação ou um conjunto de operações visando representar o conteúdo de um documento sob uma forma diferente da original, a fim de facilitar num estado ulterior, a sua consulta e referência. Enquanto tratamento da informação contida nos documentos acumulados, a análise documental tem por objetivo dar forma conveniente e representar de outro modo essa informação, por intermédio de procedimentos de transformação. O propósito a atingir é o armazenamento sob uma forma variável e a facilitação do acesso ao observador, de tal forma que este obtenha o máximo de informação (aspecto quantitativo), com o máximo de pertinência (aspecto qualitativo).

Segundo Bardin (1977), as técnicas que envolvem a análise documental têm obtido um avanço discreto no meio científico. A autora também evidencia que esse é um tipo de análise que acaba sendo realizado por especialistas em tratamento de documentos, não sendo tão popular.

A análise documental se caracteriza, segundo Marina de Andrade Marconi e Eva M. Lakatos (2017), por ser de natureza secundária (primária seria a coleta de dados brutos para serem sistematizados posteriormente, como nos questionários). A análise de fotografias permite analisar o aspecto humano do passado, como verificar posturas corporais, vestimentas, móveis e tendências de estilo de vida em geral.

Sendo que a CI “investiga as propriedades e comportamento da informação, as forças que governam os fluxos e os usos da informação” (BORKO, 1968), a informação pode estar registrada em diversos aspectos da realidade. Assim, o conceito de documento, para nós, não adquire as características positivistas da ciência, como sendo exclusivamente o documento de arquivo. Documento para fins de pesquisa podem ser poemas, quadros, materiais arqueológicos (GARCIA JÚNIOR; MEDEIROS; AUGUSTA, 2017).

A pesquisa documental se caracteriza por conter documentos, escritos ou não escritos que podem ser primários ou secundários, elaborados pelo autor ou não, conforme pode se observar no Quadro 1, baseado nas categorias de Marconi e Lakatos (2017, p.191).

Pesquisa documental – tipos de documentos	
Documentos escritos	Documentos não escritos
Primários – compilados pelo autor: Documentos de arquivo público, publicações parlamentares e administrativas, estatísticas, documentos de arquivo privado, cartas, contratos, diários, autobiografias, relatos de visitas e viagens.	Primários – feitos pelo autor: fotografias, gravações, filmes, gráficos, mapas, ilustrações, objetos, gravuras, folclore
Secundários – transcritos de fontes primárias contemporâneas: Relatórios de pesquisa baseados em trabalho de campo de auxiliares, estudo histórico com apoio em documentos originais, pesquisa estatística baseada em dados de recenseamento, pesquisa usando correspondência de outras pessoas, pesquisa apoiada em diários ou autobiografias.	Secundários – feito por outros: material cartográfico, filmes comerciais, rádio, cinema, televisão.

Fonte: Adaptado de Marconi & Lakatos (2017).

Esta pesquisa analisou documentos impressos escritos do tipo primários – como atas, regulamentos, relatos de viagens, publicações próprias –, documentos do tipo secundários – como relatórios de pesquisas na área de educação – e também documentos não escritos do tipo primários – como ilustrações, gravações, fotografias.

Na etapa de análise foi utilizado como critério inicial a busca por narrativas institucionais nos documentos, com foco nas seguintes categorias temáticas definidas a priori.

Definimos estas categorias iniciais de forma a buscar narrativas que tratassem de temas base como a própria Associação e à escola a qual está vinculada, quem forma os indivíduos destacados nessas narrativas, a ponto de terem suas imagens e nomes selecionados para serem lembrados. Buscamos também como ponto de partida as visões acerca da educação, por conta de ser uma instituição escolar, e, por fim, o aspecto geográfico, as narrativas acerca da cidade de Porto Alegre e do bairro onde está inserida, visto que as memórias possuem um cenário, um lugar dos acontecimentos.

- a. O Instituto Gen. Flores da Cunha;
- b. da própria Associação de Ex-alunos e seu papel;

- c. os atores destacados nas memórias;
- d. visões acerca da cidade de Porto Alegre.

3.4 Entrevista

Além de documentos, também foram analisadas informações obtidas através de entrevistas. A entrevista é considerada por alguns autores como a técnica de coleta por excelência das Ciências Sociais (MARCONI; LAKATOS, 2017). Consiste em uma conversa efetuada face a face e permite ao entrevistador obter informações do entrevistado quanto a um assunto ou problema. Pode ser estruturada (com roteiro) ou não estruturada (sem roteiro).

Entrevistamos quatro ex-alunas do IE que fazem parte da Associação. Foi solicitado que a própria associação indicasse os membros a serem entrevistados. Isso propiciou a obtenção de informações que não estão contidas nos documentos, informações que fazem parte da memória individual do entrevistado e também a sua visão acerca da instituição, seu olhar particular sobre os eventos. As entrevistadas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que autoriza o uso responsável das informações durante o estudo.

Além disso, as entrevistas seguiram o roteiro abaixo:

- a. Qual ou quais as suas lembranças mais marcantes sobre a sua vivência na Associação e no IE?
- b. Na sua visão qual o papel que a Associação teve e tem em relação ao IE?
- c. Como eram selecionados os itens guardados no que tange aos documentos da Associação, como o Projeto Memória, Livros do ex-alunos, etc...?
- d. Sobre o espaço físico do IE, você possui quais lembranças quanto ao prédio ou algum espaço especial ligado à paisagem e arredores do bairro?

- e. Como a sua participação na Associação impactou suas lembranças em relação ao IE?

Para a realização das entrevistas, foram solicitadas indicações de nomes para a diretoria da Associação. Todas as pessoas indicadas foram mulheres.

As quatro entrevistas ocorreram em dezembro de 2020, duraram em média 25 minutos cada, salvo uma que durou 55 minutos. Por conta da pandemia de Covid-19, não puderam ser realizadas pessoalmente e gravadas em vídeo, conforme planejado no início da pesquisa. Pensando na forma mais acessível, se deram por chamada telefônica ao invés de chamada de vídeo, que também se apresentou como uma opção.

As ligações foram gravadas e posteriormente transcritas com a finalidade de selecionar os trechos mais significativos e logo verificar se se conectavam ou não com as narrativas dos documentos e analisar outras lembranças trazidas sobre os temas em questão. Além da conexão com os registros documentais, também tínhamos interesse em verificar se as narrativas individuais de cada integrante e suas particularidades trariam alguma informação inédita, ainda não encontrada nas fontes documentais.

3.4 Análise de conteúdo e corpus

Análise de conteúdo e Análise documental são procedimentos semelhantes de pesquisa. Porém, Bardin (1977, p. 46) aponta diferenças essenciais entre eles:

A documentação trabalha com documentos; a análise de conteúdo com mensagens (comunicação). A análise documental faz-se, principalmente por classificação-indexação; a análise categorial temática é, entre outras, uma das técnicas da análise de conteúdo. O objectivo da análise documental é a representação condensada da informação, para consulta e armazenagem; o da análise de conteúdo, é a manipulação de mensagens (conteúdo e expressão desse conteúdo), para evidenciar os indicadores que permitam inferir sobre uma outra realidade que não a da mensagem.

A análise de conteúdo é “um conjunto de técnicas de análise das comunicações” (BARDIN, 1977, p. 31). Consiste em vários instrumentos que podem ser adaptáveis por conta de ser aplicável a um campo vasto como o da

comunicação. Seu procedimento de trabalho inclui as seguintes etapas, segundo Bardin (1977):

- 1) Pré-análise;
- 2) a exploração do material;
- 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação

A pré-análise consiste em um período de intuições e estabelecimento de um plano flexível, porém preciso, de análise. Possui três etapas: a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e critérios definidos para escolha das narrativas e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final.

A exploração do material consiste em aplicar as decisões tomadas na etapa anterior. É uma fase mecânica e longa em que, basicamente, se faz operações de codificação e enumeração em função das regras antes formuladas.

A terceira etapa, na qual ocorre o tratamento dos resultados, inferência e interpretação, consiste em um tratamento dos dados brutos. Os dados são tratados de maneira que se tornem significativos. São confeccionados quadros e diagramas que condensem as informações e que permitam a interpretação dos resultados.

O corpus da pesquisa está composto pelos documentos que foram selecionados dentro do universo do acervo documental disponível e também das respostas coletadas durante as entrevistas.

Selecionamos documentos que contemplassem as seguintes categorias definidas na pré-análise:

1. O INSTITUTO DE EDUCAÇÃO GEN. FLORES DA CUNHA;
2. A PRÓPRIA ASSOCIAÇÃO DE EX-ALUNOS DO IE;
3. PERSONAGENS;
4. PORTO ALEGRE.

No que tange à organização, a documentação encontra-se disposta em 49 pastas estilo fichário, que analisamos em sua totalidade para selecionar os documentos para nossa pesquisa. Também consultamos o inventário realizado pelo projeto que salvaguarda essa documentação, a fim de obter algumas informações mais refinadas sobre os documentos, como alguns nomes, lugares, eventos.

Não restringimos totalmente à seleção às categorias acima. Selecionamos igualmente outros documentos que tinham narrativas significativas e criamos, para eles, novas categorias.

Essas fotografias foram analisadas e as narrativas contidas nos documentos selecionadas para serem registradas aqui no estudo.

Quanto aos tipos de documentos, além de fascículos do Boletim Informativo, são administrativos, relatórios, convites, livros do Projeto Memória, fotografias, cartazes de palestras, relatos de viagem, cartões postais e recortes de jornais, materiais de eventos, encontros, acervo com livros escritos por ex-alunos. Os documentos analisados compreendem todo o período de existência da entidade, de sua fundação, em abril 1960, até dezembro de 2020.

Quanto à sua localização, os registros documentais estão no Instituto de Matemática e Estatística da UFRGS, situado no Campus do Vale, em Porto Alegre. Foi para ali que foram deslocados temporariamente em função das obras de restauro do prédio do IE.

Quanto à conservação, o estado atual dos documentos é bom, com 100% da documentação legível. Contém alguns papéis amarelados pelo tempo, como os documentos da época de fundação da Associação, como o Estatuto e as primeiras edições do Boletim. Não percebemos marcas oriundas de sinistros, apesar das chuvas que ocorrem em algumas reformas anteriores na escola, nem marcas de pragas nos documentos.

4 OS REGISTROS DOCUMENTAIS DA ASSOCIAÇÃO DE EX-ALUNOS DO I.E. FLORES DA CUNHA

Este trabalho se propôs a analisar as informações contidas nos registros documentais da Associação, bem como os lugares de memória envolvidos que traduzem a identidade dos ex-alunos nela reunidos e da própria instituição. Atualmente, são cerca de 150 filiados, diretorias que eleitas a cada quatro anos, realização de encontros, comemorações de aniversários, coral com ensaio semanal regido por um maestro, homenagens a ex-alunos e edição do Boletim Informativo, uma publicação trimestral enviada aos sócios, meio de comunicação em que a diretoria, registra, relata e divulga os principais eventos.

Com o objetivo de analisar as informações da massa documental pesquisada, foi necessário classificar o material nas seguintes categorias temáticas:

1. O INSTITUTO DE EDUCAÇÃO GEN. FLORES DA CUNHA;
2. A PRÓPRIA ASSOCIAÇÃO DE EX-ALUNOS DO IE;
3. PERSONAGENS;
4. PORTO ALEGRE.

Essas categorias foram criadas no contato prévio com a documentação, etapa que Bardin (1977, p. 31) chama de pré-análise, sendo que esta:

Corresponde a um período de intuições, mas, tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise.

A criação dessas categorias levou em consideração os objetivos da pesquisa, que consistem em entender as memórias guardadas sobre o IE e sua Associação, além de compreender quem seriam as pessoas ou personagens que povoavam essas lembranças. A categoria Porto Alegre foi criada para registrar lembranças tanto do IE quanto da Associação com a cidade em que estão inseridos.

Na continuidade da pesquisa, foi necessário criar mais três categorias temáticas, , conforme segue:

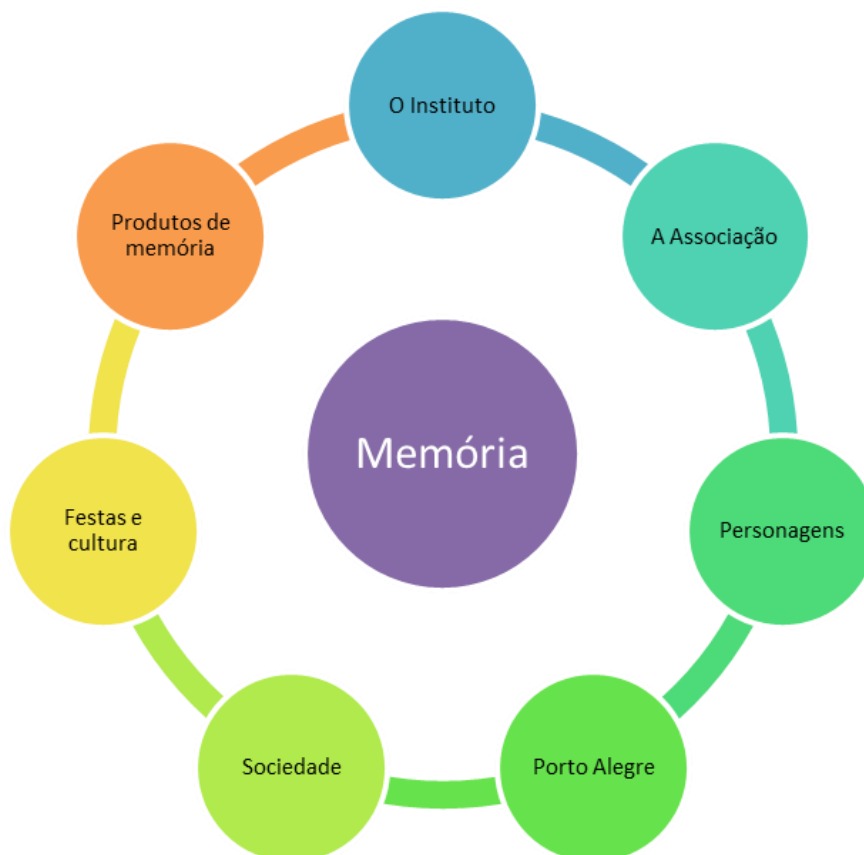
5. SOCIEDADE;

6. FESTAS E CULTURA;

7. PRODUTOS DE MEMÓRIA.

Com isso, o total foram de sete categorias e 250 registros selecionados dentro do acervo documental da instituição. A figura abaixo mostra visualmente todas as categorias utilizadas para classificar o material analisado:

Figura 1 – Categorias temáticas utilizadas para classificar os registros



Fonte: Elaborado pela autora.

Na categoria um, denominada “Instituto de Educação Gen. Flores da Cunha”, foram agrupadas as lembranças registradas nos documentos que remetem ao prédio do IE, seu funcionamento, acontecimentos, lugares internos e externos, além de sua relação com o bairro Bom Fim, onde ele se localiza.

Na categoria dois, denominada “Associação de Ex-alunos”, foram reunidas as lembranças que remetem ao papel dessa entidade, ao seu escopo e aos documentos de fundação.

A categoria três, denominada “Personagens”, visou responder quem são os personagens que aparecem nos registros documentais. Seriam anônimos, figuras ilustres, teriam seus nomes citados?

A categoria quatro, denominada “Porto Alegre”, buscou reunir visões acerca da capital gaúcha e mostrar, através das narrativas, como o cenário da cidade é representado nos registros.

A categoria cinco, denominada “Sociedade” abarca as informações contidas nos registros que tratam das relações da Associação com outras instituições e das suas causas sociais.

A categoria seis, denominada “Festas e cultura”, reúne as informações contidas nos registros de manifestações artísticas, culturais, bem como festas e datas comemorativas.

A categoria sete, denominada “Produtos de memória”, engloba os produtos de memória encontrados. Por produto de memória, entendemos projetos e ações já realizadas pela Associação com a finalidade explícita de registrar a memória da instituição.

Os dados coletados a partir das entrevistas realizadas com as ex-alunas serviram para complementar a análise que envolvem as sete categorias. Assim, as informações contidas nos registros documentais se entrelaçam com as narrativas das entrevistadas.

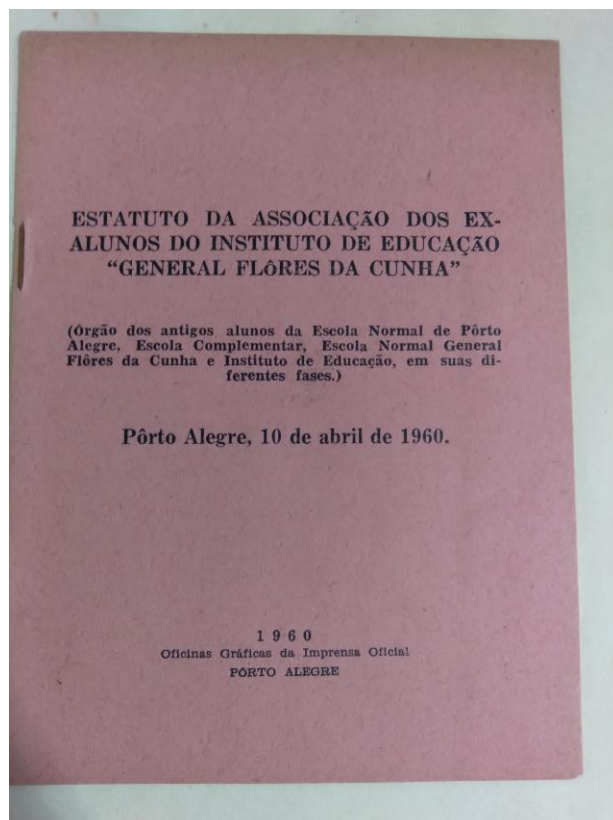
4.1 Lugar de ensino e memória: as lembranças sobre o Instituto de Educação Gen. Flores da Cunha

Ao analisar os registros documentais impressos e os conteúdos coletados através das entrevistas, verificamos que algumas narrativas sobre o IE se repetem. Algumas lembranças dos associados se interligam com os registros documentais compartilhados entre os membros da associação, como lembranças sobre o prédio, os eventos, os professores e os personagens, conforme descrevemos em seguida.

Conforme já destacado anteriormente, a categoria “Instituto de Educação”, foram reunidas agrupa as lembranças que constam nos registros documentais que remetem ao prédio do IE suas instalações físicas, seu funcionamento, seus

espaços e lugares. Verificamos, na consulta a documentos e bibliografia disponíveis no acervo da associação, que o IE possuiu variadas nomenclaturas ao longo de sua existência. A capa do Estatuto da Associação dos Ex-alunos (Figura 2) nos traz o seguinte:

Figura 2 – Capa do Estatuto da Associação de Ex-alunos do IE



Fonte: Acervo da associação. Fotografado pela autora.

A Figura 2, mostra que o IE teve os seguintes nomes: Escola Normal de Porto Alegre, Escola Complementar, Escola Normal General Flores da Cunha e Instituto de Educação. O nome Instituto de Educação foi adotado um ano antes da fundação da Associação. Entendemos que o registro de todas essas nomenclaturas na primeira página é uma tentativa de estabilizar uma identidade e evidenciar que a Associação que nascia ali visava a incluir todos que haviam passado pela instituição até aquele momento. Notamos certa instabilidade no nome da escola, que foi alterado para Centro Estadual de Formação de

Professores General Flores da Cunha. Porém, o nome Instituto de Educação ainda é empregado, inclusive nas redes sociais do Instituto.

Desde sua fundação, o IE apresentou algumas sedes e muitos nomes:

O Instituto de Educação General Flores da Cunha foi criado como Escola Normal da Província de São Pedro em 1869, sendo entregue ao Padre Joaquim Cacique de Barros. Em 1901, por ocasião das reformas estruturais na educação decretadas por Júlio de Castilhos, a Escola Normal foi transformada em Colégio Distrital de Porto Alegre, e, em 1906, em Escola Complementar. A Escola também já foi denominado como Escola Normal de Porto Alegre; como Escola Normal General Flôres da Cunha, em 1937; como Instituto de Educação de Porto Alegre, em 1939; como Instituto de Educação General Flores da Cunha, em 1959; e, atualmente, como Centro Estadual de Formação de Professores General Flores da Cunha (IBGE, 2021).

As informações do IBGE sobre o local atestam que o mesmo já teve vários nomes oficiais. No entanto, as denominações mais conhecidas são: Instituto de Educação, Flores da Cunha, Instituto ou, até mesmo, a sigla IE para os mais íntimos. O Instituto de Educação General Flores da Cunha está situado em uma localização privilegiada na capital gaúcha, próximo ao Parque da Redenção e à UFRGS. Foi fundado em 1869 e durante 60 anos foi a única responsável pela formação de professores no estado.

A escola inicialmente funcionava em um sobrado na rua Riachuelo, onde hoje é a atual Biblioteca Pública do Estado. Desde 1937, passou a localizar-se na Av. Osvaldo Aranha (Figura 3). Este prédio do IE tombado pelo município desde 1997 e pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Rio Grande do Sul (IPHAE) desde o ano de 2006.

Figura 3 – Fachada principal IE



Fonte: IPHAE (RIO GRANDE DO SUL, 2020).

Desde 2016, o IE está em processo de restauro e seus mais de 1800 alunos e funcionários estão divididos em três escolas: Escola Felipe de Oliveira, Escola Professora Dinah Néri Pereira e Escola Roque Callage.

Apesar das vantagens que o intercâmbio de ideias com as novas escolas e a vivência em novos lugares possa proporcionar, há uma posição semelhante ao refúgio e limitações de espaço. Talvez a memória afetiva de alunos, professores e membros da administração acuse a emergência do retorno ao seu lugar de excelência, na Av. Osvaldo Aranha. Certamente este deslocamento ficará registrado nas futuras memórias do IE como um período de distância e saudade.

Em entrevista veiculada na mídia acerca do atraso nas obras do IE, o diretor professor Wagner Cardoso citou, entre outros assuntos, a questão da identidade:

O prejuízo maior acho que é uma perda de **identidade** e uma profunda tristeza de toda a comunidade, que quando passa por aqui vê o prédio nesse estado, paradas as obras. A gente sabe que está se depreciando, já está acontecendo ferrugem, já têm tentativas de entrarem, roubarem

coisas do prédio. É isso que a gente mais temia, afirma o diretor do colégio Wagner Innocêncio Cardoso (G1, 2019, grifo nosso).

A memória requer um lugar para fixar sua cena, seja este um lugar físico, um lugar imaginado, construído ou hipotético. Um lugar pode ser um amplo prédio de arquitetura barroca ou um artefato de cerâmica que lembra a infância na casa da avó. Lugares físicos podem obter vantagem sobre outros lugares móveis, pois estes podem ser palco de inúmeras lembranças em diversos períodos da vida, como a cidade onde nascemos, o bairro onde passamos a infância, a casa de praia das férias, nossa primeira escola. Mas o que torna um espaço um lugar? De acordo com Mesquita (2004, p. 120), “ao apropriar-se concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação) de um espaço, o ator “territorializa” o espaço”.

As lembranças das entrevistadas acerca do prédio enfatizam o portal entrada ou a fachada do mesmo:

Nos primeiros anos da vida escolar: **as entradas**: todos os dias: os do curso primário entravam diariamente pela lateral do prédio, os de um ao cinco no entram por ali. Os do ginásio entravam **pela frente**. Os do curso primário só entravam pela **frente** em ocasiões de solenidade. No geral era pela lateral. Enquanto aluna do normal sempre entrei pela **frente**. As do ginásio também. Acredito que era para facilitar o trânsito. (ENTREVISTADA B, grifo nosso)

Figura 4 – Alunos na entrada do IE



Fonte: IBGE(2021).

A entrada do IE era **deslumbrante, impactante**. Nós alunas na época tínhamos orgulho e os professores eram de muita qualidade. Quando entrávamos lá era como se entrássemos em um **templo**. Havia disciplina, organização e era como uma **casa do saber**. Nos levava a ter responsabilidade, amor e respeito aos que nos antecederam. Havia organização e divisão de ambientes. (ENTREVISTADA C, grifo nosso)

Havia uma escada”. Na educação infantil cada sala tinha uma cor, os alunos sabiam qual era sua sala pela cor. Os degraus da educação infantil também eram adaptados. A casa da boneca (uma casa em miniatura) e a sala de marcenaria. (ENTREVISTADA A)

Olha, o prédio do Instituto é uma **obra de arte**. [...] Dia 4 de abril iniciava-se o ano do centenário do IE. E Desde aquele dia que foi em um almoço no salão de educação física eu me tornei **filha do Instituto, mãe** do instituto, só não me tornei **avó** do Instituto mas já tenho idade para ser. (ENTREVISTADA D, grifo nosso)

Para Canevacci (2004), a cidade comunica-se através de seus prédios, ruas, lojas. O que o IE parece comunicar, pela sua estética e arquitetura, é algo grandioso e monumental. As narrativas trazem palavras como **deslumbrante, templo, obra de arte**, que demonstram o quanto a figura do prédio e o que ocorrera ali os impactou.

O prédio do IE é um lugar de memória por excelência. Projetado pelo espanhol Fernando Corona, radicado em Porto Alegre, foi concluído em 1935. Corona era escultor e arquiteto da empresa contratada para a realização da obra e foi um dos precursores do Instituto de Belas Artes, atual Instituto de Artes da UFRGS. Isso explica um pouco da beleza e da estética imponente do prédio, feito em estilo neoclássico com colunas jônicas de nove metros de altura.

Percebe-se assim os prédios escolares e sua arquitetura também com uma função produtora de visualidades. Enfim, o prédio da Escola Normal constitui um marco da História da Educação do estado, e sua construção relaciona-se com um momento bastante singular do Rio Grande do Sul, que se insere na esteira da vontade de modernidade desejada pelo governo do estado. Neste sentido, os prédios escolares tiveram uma função bem definida. O prédio pode ser visto como um referencial arquitetônico constituindo ainda uma das poucas memórias edificadas do Centenário Farroupilha, além de ser um referencial educativo, tendo sido a primeira escola de formação de professores do estado e sendo ainda hoje uma das mais tradicionais escolas de Porto Alegre (NASCIMENTO, 2015).

Fundado para suprimir um déficit educacional, pois, naquele tempo, não havia interesse das elites para incrementar a instrução pública, apesar de ser demanda antiga da população. Logo a instituição tornou-se prioridade de diversos governos estaduais, pois representava um sinal de modernidade no estado (ÍNSTITUTO, 2014).

Devido à sua antiguidade, o prédio carecia de reformas. Desde meados dos anos 2000, a Associação de Ex-alunos foi parceira na divulgação das necessidades do IE, bem como na cobrança aos órgãos competentes. Em seu acervo, há uma profusão de recortes e outros documentos registrando as demandas por reforma, que ocorreram em momentos variados da sua trajetória. Essas demandas vão desde reformas nos telhados, cercamento, restauro das obras de arte até, finalmente, uma grande obra de restauro do prédio pelo qual está passando atualmente.

Na documentação impressa disponível no acervo da associação (Figura 5), é visível a preocupação com as muitas reformas do prédio, tanto com as pequenas alterações que as instalações sofreram ao longo do tempo, quanto com o grande restauro no qual se encontra. Para Halbwachs (2006), um lugar não é como um quadro-negro, no qual se risca e se apaga, pois ali não estão inscrições não em giz, mas lembranças e vivências:

Todas as ações do grupo podem ser traduzidas em termos espaciais, o lugar por ele ocupado é apenas a reunião de todos os termos. Cada aspecto, cada detalhe desse lugar tem um sentido que só é inteligível para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outros tantos aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, pelo menos o que nela havia de mais estável (HALBWACHS, 2006, p. 159-160).

Figura 5 – Registros sobre reformas no IE



Fonte: Acervo da associação. Fotografado pela autora.

Percebemos que, tanto nas entrevistas com as associadas quanto nos registros documentais da Associação, a entrada do prédio (Figuras 6 e 7) é o lugar mais lembrado. Tudo no IE parece se relacionar a grandes proporções.

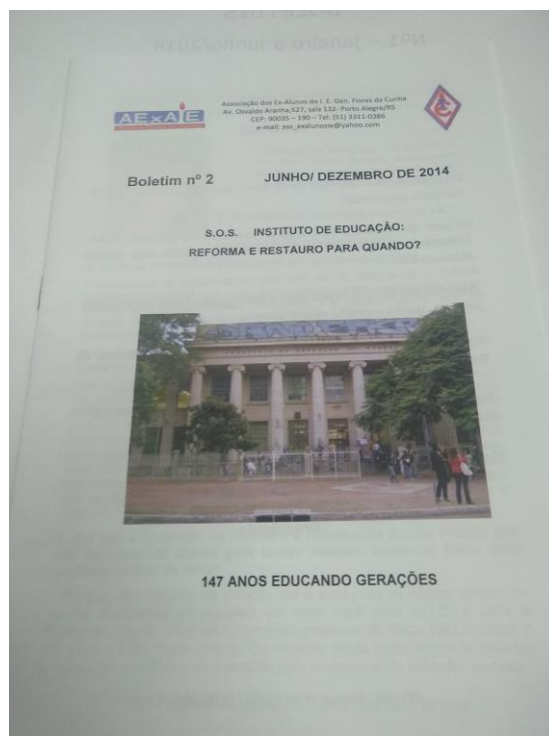
A construção de um novo prédio para a Escola Normal e sua inauguração, em 1937, eram apresentadas como elementos de um movimento renovador da educação. O prédio suntuoso atestava o prestígio e o investimento do governo estadual na instituição. (BÚRIGO; PEREIRA, 2020, p. 37)

Figura 6 – Entrada do IE diversos ângulos



Fonte: Adaptada de Ramiro Furquim Sul21/IBGE.

Figura 7 – Capa do Boletim de 2014 com a entrada do IE



Fonte: Acervo Associação. Fotografado pela autora.

Tanto os registros da Associação quanto as imagens encontradas na internet registram sua fachada com as exuberantes colunas jônicas, semelhantes aos templos da Grécia antiga (Figuras 6 e 7). Para Le Goff, estes são lugares de memória coletiva, herança para a sociedade:

Lugares topográficos, como os arquivos, as bibliotecas e os museus; lugares monumentais como os cemitérios ou as arquiteturas; lugares simbólicos como as comemorações, as peregrinações, os aniversários ou os emblemas; lugares funcionais como os manuais, as autobiografias ou as associações: estes memoriais têm a sua história (LE GOFF, 1996, p. 408).

Para esse autor, o advento da escrita transformou a memória coletiva, o que se deu através da multiplicação de epígrafias e monumentos comemorativos.

A pedra e o mármore serviam na maioria das vezes de suporte a uma sobrecarga de memória. Os "arquivos de pedra" acrescentavam à

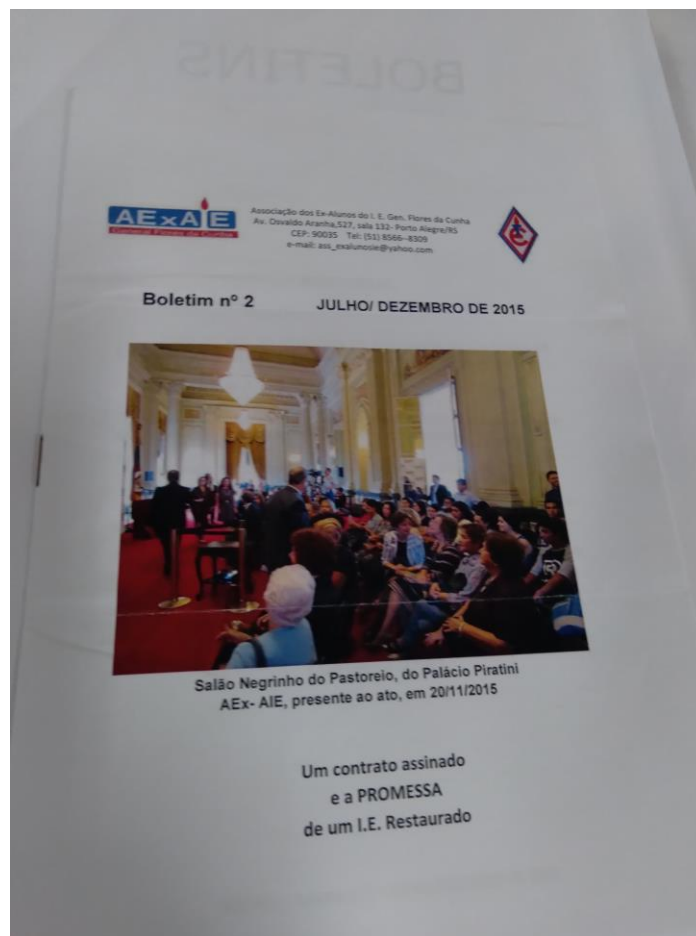
função de arquivos propriamente ditos um caráter de publicidade insistente, apostando na ostentação e na durabilidade dessa memória lapidar e marmórea (LE GOFF, 1996, p. 373).

O termo monumento representa todas as esculturas, prédios, obeliscos que possuem a intencionalidade de ser herança para a memória coletiva, sendo fonte de Direito para as sociedades antigas. Le Goff (1996) destaca que, com o passar do tempo, o documento escrito triunfou sobre o monumento, inaugurando assim o conceito de documento-monumento.

O que diferencia um documento comum de um documento-monumento é a seleção do historiador, a vontade da sociedade de preservá-lo ao longo do tempo e o seu conteúdo – que, no segundo caso, deve ir além das necessidades de comunicação do momento. O documento que perpassa gerações trata-se de um documento-monumento. É o caso do material reunido por esta pesquisa, que foi selecionado e guardado com a intenção de transportar memórias.

Na primeira página do Estatuto da Associação, está claro no artigo dois que sua sede será no IE, o que demonstra a intenção de realmente fazer parte do dia a dia desta instituição, compartilhando vivências, e não somente as lembranças de um tempo passado. Os registros documentais trazem informações sobre as suas preocupações com o funcionamento da escola, instalações físicas e reformas, contratação de professores, participação ativa nas campanhas por reformas, pelo cercamento.

Figura 8 – Boletim n. 2, jul./dez. de 2015



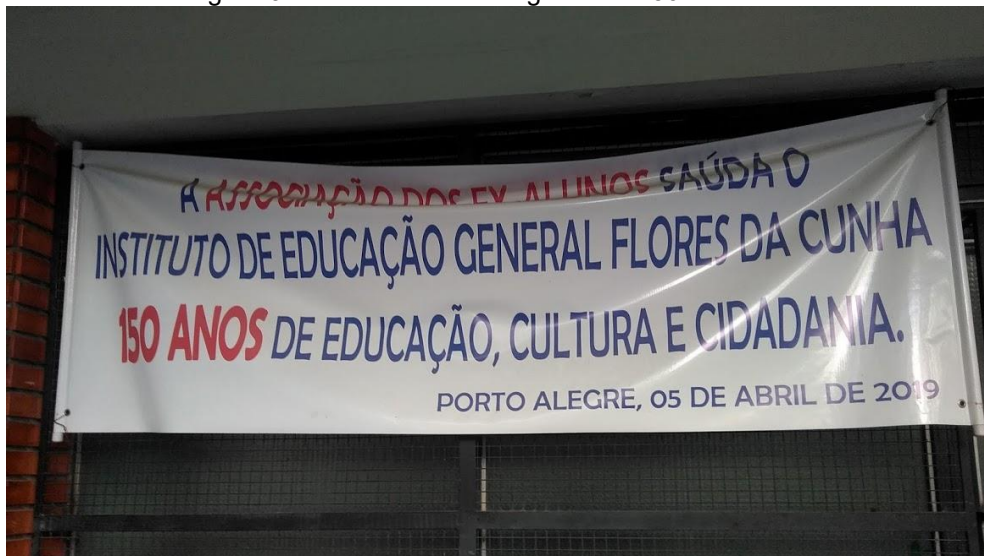
Fonte: Acervo Associação. Fotografado pela autora.

Como se observa na Figura 8, a Capa do Boletim n. 2 de julho/dezembro de 2015 traz uma imagem do Salão Negrinho do Pastoreio, no Palácio Piratini, em 2011/2015, com a frase: *“Um contrato assinado e a promessa de um I.E. restaurado”*. A Associação esteve presente, a convite da casa Civil, no ato de assinatura, pelo então governador do estado José Ivo Sartori, do contrato de restauro do IE.

Na parte interna do boletim, uma declaração feita em nome da Associação: *“no governo anterior foi realizado o projeto e esperamos que até o final deste governo possamos ter a escola pronta para a comemoração dos seus 150 anos”*. Nessa circunstância, após os pronunciamentos dos governantes e da direção do IE, os membros deste (Associação, direção e alunos) entoaram o hino da escola.

Em 2019, o IE completou 150 anos e a data foi comemorada longe do seu prédio original, cujas obras ainda não haviam sido finalizadas.

Figura 9 – Faixa em homenagem aos 150 anos do IE



Fonte: Acervo Associação.

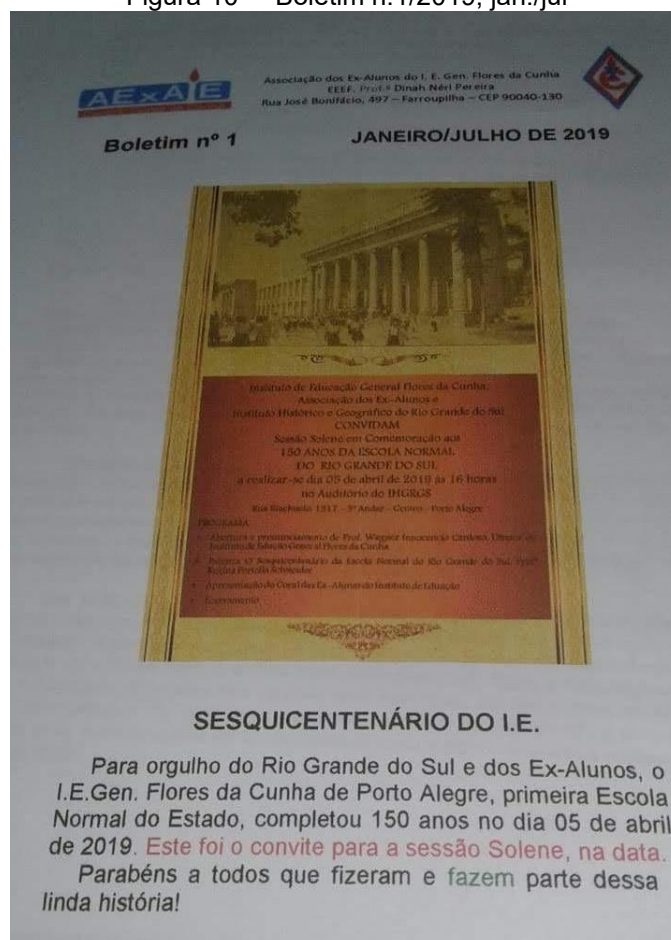
A Associação instalou uma faixa em frente à Escola Dinah Néri, uma de suas sedes temporárias, com a mensagem que pode ser lida na Figura 9. A faixa demonstra o intuito de trazer uma homenagem, uma vez que as datas são um lugar de memória de destaque para a Associação, como podemos perceber em seus registros. A faixa pública, na escola que localiza-se em frente ao Brique da Redenção em Porto Alegre, também demonstra a tentativa de dividir com a comunidade que, apesar de destituído do prédio, o espírito do IE continua vivo.

É visível a mudança no entendimento de educação por parte dos governos estaduais através da trajetória do IE. As lembranças registram épocas de investimentos e recursos financeiros abundantes, na qual um prédio magnânimo foi construído. Hoje vemos o prédio fechado, porém o IE continua vivo no cotidiano daqueles que carregam seu nome.

A cidade exprime os próprios conteúdos conflituais através da competição de signos, do crescente processo de dessimbolização, da luta dos códigos e do status, que envolvem todos os outros âmbitos da sociedade contemporânea (CANEVACCI, 2004, p. 23).

As comemorações da data, além de terem sido marcadas pela instalação da faixa, também foram registradas no Boletim n.1/2019: o Sesquicentenário do IE (Figura 10).

Figura 10 – Boletim n.1/2019, jan./jul



Fonte: Acervo Associação. Fotografado pela autora.

A Associação também participou ativamente do processo que envolveu o restauro das obras de arte.

Um secretário de educação decidiu trocar o telhado do instituto no inverno, então jorrava água e isso colaborou para danificar as obras. Além de estar muito próximo dos alunos que muitas vezes mexiam. Para conseguir verbas a escola não podia por questões legais, mas a associação pode fazer conta (ENTREVISTADA A).

Na narrativa, a entrevistada refere-se à campanha para a arrecadação de fundos para o restauro das três obras de arte pertencentes ao IE. A Associação de Ex-alunos foi uma peça fundamental para a captação desses recursos, pois, por motivos jurídicos, seria mais provável conseguir levantar fundos através dela.

A mesma entrevistada ainda acrescenta: “Farei um pedido a um ex-aluno que é deputado para que ele se responsabilize e não deixe as obras irem fora”. Esta fala demonstra a naturalidade com que se estabelece um compromisso acerca da escola, havendo a certeza de poder contar com do apoio do ex-aluno.

No saguão do IE, havia, antes das obras do prédio, três importantes pinturas a óleo:

1. Chegada dos açorianos, de Augusto Luiz de Freitas, 6,30 m x 5,50 m – Roma, 1923;
2. Batalha da Azenha, de Augusto Luiz de Freitas, 5,46 m x 3,76 m – Roma, 1922;
3. Expedição a Laguna, de Lucílio de Albuquerque, 5,45 m x 3,42 m – Rio de Janeiro, 1916.

Elas foram tombadas como Patrimônio Cultural do Estado do RS em 2011 e restauradas por Leila Sudbrack, com orçamento de 500 mil, após uma luta de 20 anos da Associação, visando o levantamento de fundos. Essas obras estão entre as cinco maiores do país, sendo uma delas – *Chegada dos açorianos* – a maior do Rio Grande do Sul. Medindo quase sete metros de largura e seis de altura, esta foi concluída por Augusto Luiz de Freitas em 1923.

Aquelas telas que foram por acaso para o Instituto, porque elas foram encomendadas para o Palácio Piratini. Como elas eram maiores do que os espaços disponíveis não havia em toda Porto Alegre uma construção que comportasse aquelas obras então elas foram alocadas no Instituto de Educação. Depois elas foram restauradas sob a orientação, não vou dizer orientação, foi graças as ex-alunas que as obras as telas ainda estão aí, se não elas estariam desaparecidas, molhadas. Ali em comecei a ver o trabalho que uma associação poderia fazer em prol do Instituto (ENTREVISTADA D).

Não há registro documental na Associação sobre a aquisição das telas, porém o documento de tombamento, disponível no IPHAE, afirma que elas foram emprestadas para a comemoração do Centenário Farroupilha, em 1935, evento realizado no prédio construído para o IE, enquanto a escola ainda funcionava em outro endereço. Segundo o IPHAE, as obras acabaram permanecendo ali mesmo após a instalação da escola e a chegada dos alunos.

As três telas foram encomendadas pelo então *Presidente do Estado* Antônio Augusto Borges de Medeiros na década de 1910, para serem expostas no Palácio Piratini, na época ainda em construção. Foram instaladas no novo palácio após a quinta reeleição de Borges de Medeiros. Durante a Exposição do Centenário Farroupilha, em 1935, foram levadas ao pavilhão cultural da Exposição, atual Instituto de Educação Flores da Cunha, onde permanecem até hoje (IPHAE, 2011).

Percebemos aqui uma divergência entre a narrativa da ex-aluna e o registro nos documentos oficiais. Segundo estes, as telas foram encomendadas por Borges de Medeiros para o novo palácio e, após terem sido instaladas neste local, teriam sido levadas ao prédio do IE para as comemorações Farroupilhas. Porém, após o fim dos festejos, as obras emprestadas não foram devolvidas apesar de haver risco de danos com a chegada de crianças e adolescentes, por causa de brincadeiras, lanches, festas e todas as atividades comuns a uma escola. Pensavam os políticos da época em compartilhar arte com aquelas crianças? Em caso afirmativo, houve visitas guiadas, explicações, cuidados e orientações adequadas?

Marlene Nascimento (2015), em sua pesquisa *Na pista das imagens: produção e circulação de pinturas históricas no Rio Grande do Sul de 1914 a 1935*, analisou a circulação dessas obras em Porto Alegre, desde seu pedido de encomenda até sua recepção. Segundo a autora, elas jamais chegaram ao seu destino, tendo sido enviadas ao pavilhão das comemorações do Centenário Farroupilha (realizado no prédio do IE). Segundo Nascimento (2015, p. 22), o próprio artista da terceira tela, Lucilio de Albuquerque, elogiou, em uma carta-resposta, a escolha da temática como “um dos feitos mais heróicos da nossa pátria”. O artista foi o responsável pela pintura da obra *Expedição à laguna*, que “representaria ‘transporte por terra do barco Garibaldi, da Lagoa dos Patos até o Atlântico’, fato histórico ocorrido durante o Movimento Farroupilha” (BEM TOMBADO TRÊS TELAS A ÓLEO, 2011).

A dimensão das telas entregues é, de fato, um pouco maior do que a dimensão encomendada. Teria sido este o motivo da alocação no Instituto, já que, conforme descreve a ex-aluna, “não havia em toda a Porto Alegre construção que abrigasse aquelas obras”? Se elas estivessem no Palácio Piratini, estariam em estado de deterioração como ficaram no IE?

É louvável que tantas gerações de alunos tenham tido o privilégio de apreciá-las em seu dia a dia escolar, em um país onde o acesso a alguns bens culturais é limitado a camadas privilegiadas da população. De igual forma, o cenário retratado pelas obras refere-se à história do estado e à Guerra dos Farrapos, mostrando claramente a narrativa que elites da época tinha interesse em salvaguardar. Uma vez que o IE formou gerações de professores ao longo

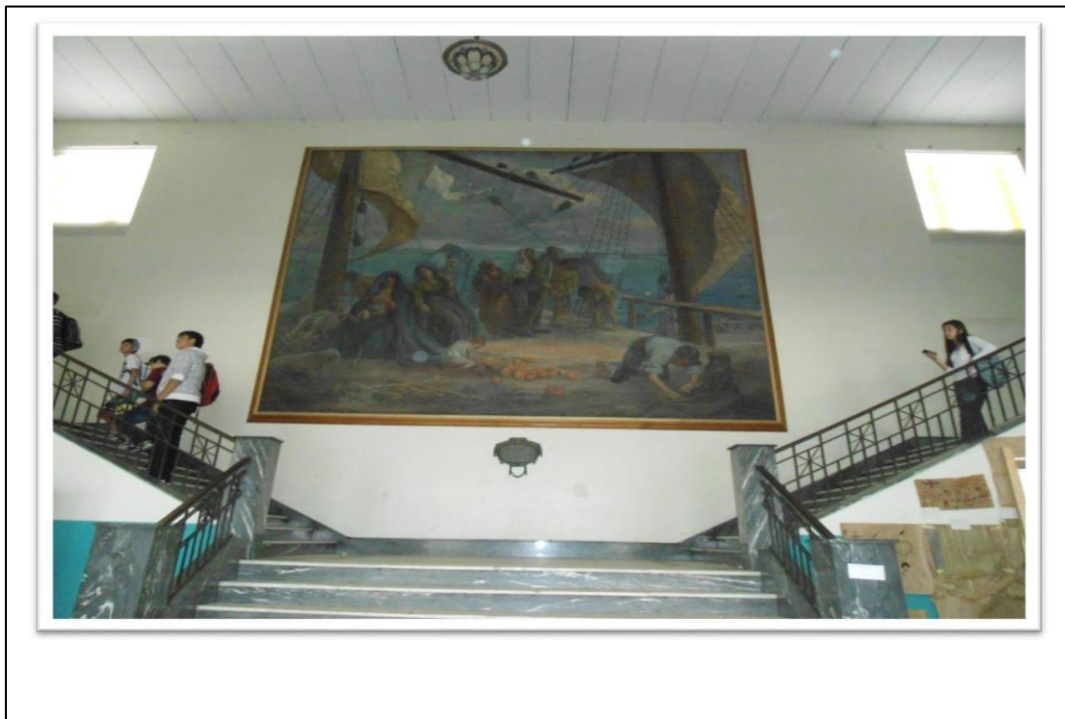
do tempo, é certo que esta narrativa heroica, sendo verdadeira ou não, propagou-se por muito tempo no imaginário de alunos e de professores que ali se formaram e a levaram para outros lugares. A história das telas e do seu processo de restauro, bem como uma carta do artista Augusto Luiz de Freitas, viraram objeto de uma exposição itinerante, conforme mostra a Figura 11:

Figura 11– Restauração na exposição itinerante – cidade de Santa Maria



Fonte: Acervo Associação.

Figura 12 – Foto interna do saguão do Instituto de Educação General Flores da Cunha com a tela Chegada dos Açorianos



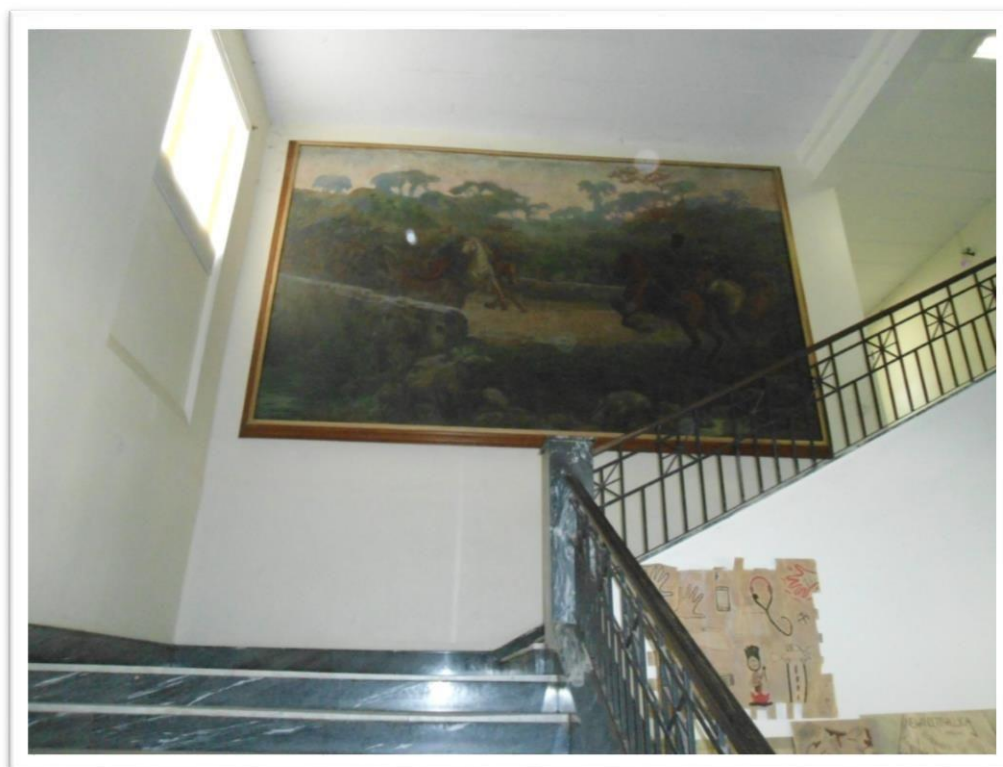
Fonte: Nascimento (2015).

Figura 13 - Foto interna do saguão do Instituto de Educação General Flores da Cunha com a tela Expedição a Laguna



Fonte: Nascimento (2015).

Figura 14 – Foto interna do saguão do Instituto de Educação General Flores da Cunha com tela A Tomada da Ponta da Azenha

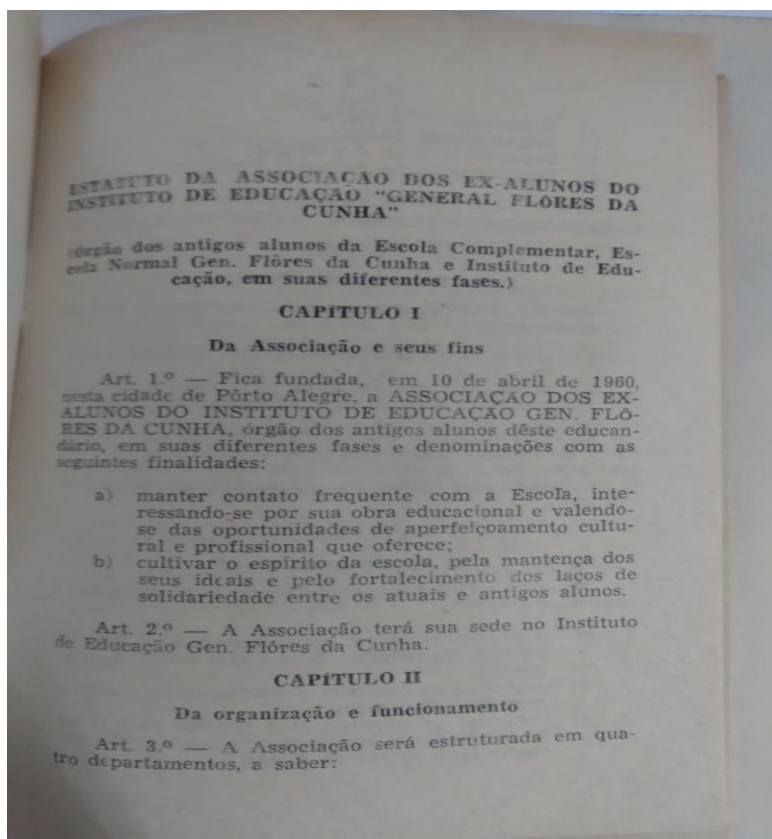


Fonte: Nascimento (2015).

4.2 Associação de Ex-alunos do IE

Na categoria dois, Associação de Ex-alunos do IE, os registros trazem informações oficiais acerca da Associação e seu papel. Abaixo (Figura 15) segue um fragmento do Estatuto da Associação.

Figura 15 – Fragmento do Estatuto da Associação



Fonte: Acervo Associação. Fotografado pela autora.

Neste documento, estão definidos os fins da associação, reproduzidos abaixo para que fiquem mais legíveis:

- Manter contato freqüente com a escola, interessando-se por sua obra educacional e valendo-se das oportunidades de aperfeiçoamento cultural e profissional que oferece;
- Cultivar o espírito da escola, pela manutenção dos seus ideais e pelo fortalecimento dos laços de solidariedade entre os atuais e antigos alunos. (ESTATUTO..., 1960)

Um estatuto é por definição: “conjunto de regras fundamentais e orgânicas de uma entidade coletiva, normalmente subdividido em títulos, capítulos, seções, artigos, parágrafos, incisos e alíneas” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008). É criado com a finalidade de reger todas as atividades de uma associação.

Muitos estatutos, ao longo do tempo, ficam defasados ou sem efeito. Quando perguntada sobre o papel da Associação, a Entrevistada A fez menção a ele já no início de sua resposta, antes de chegar a lembranças afetivas. Isso demonstra que os associados não integram a entidade apenas pelo convívio e pela parte lúdica, mas estão ali também, tal como diz o Estatuto, para apoiar a escola: “Sobre o papel da Associação, somos bem fiéis ao **Estatuto**: Reunir os ex-alunos e dar apoio à Escola. Em coisas materiais colaborar com alguns mobiliários” (ENTREVISTADA A).

Segundo Thiesen (2013, p. 278), as instituições são “formalizadoras de realidades” e “integradoras e formalizadoras de práticas e comportamentos, com a função inicial de fixar enunciados para, em seguida, reproduzi-los”. O Estatuto de fundação é o documento que confere legitimidade às ações da Associação, uma vez que regula juridicamente a conduta em relação ao IE e prevê o funcionamento interno da instituição.

Ainda sobre o papel que desempenha a Associação atualmente, as entrevistadas acrescentam:

Hoje vejo que a Associação tem servido muito como memória, um professor da Faculdade de Educação da UFRGS da memória da educação, nos achou um tempo atrás e nos disse que não tem memória a educação estadual, então a Associação está cumprindo o que muito nos orgulha. (ENTREVISTADA A)

Associação nasceu do desejo de uma turma de terem uma entidade vinculada ao IE para garantir a memória do IE. Com o tempo e os fatos esta intenção cada vez tem se confirmado mais. Desde o tempo em que o IE saiu do prédio para reformas. Quando se querem alguma memória, se vem a Associação. A Associação além de ter documentação tem associadas que foram professoras. A ideia dos que fundaram tinha a ver com guardar a memória? Acredito que sim. (ENTREVISTADA B)

A Associação sempre teve um papel inigualável. Agradeço muito as colegas que me chamaram pois é uma experiência marcante na minha vida. É um segmento importantíssimo do IE. (ENTREVISTADA C)

Parece ser unanimidade entre as entrevistadas que a Associação exerce papel ativo na preservação da memória do IE. Sobre suas lembranças particulares deste e daquela, as narrativas trazem verbos que remetem à união de pessoas, ao afeto, ao amor: congregar, unir, manter-se atualizada e inserida na sociedade.

Podemos reconstruir um conjunto de lembranças de maneira a reconhecê-lo porque eles concordam no essencial, apesar de certas divergências. Claro, se a nossa impressão pode se basear não apenas na nossa lembrança, mas também na de outros, nossa confiança na exatidão de nossa recordação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada não apenas pela mesma pessoa, mas por muitas (HALBWACHS, 2006, p. 29).

As narrativas das associadas sobre suas vivências parecem concordar no essencial, que diz respeito à memória afetiva das lembranças e o fato de que participar do grupo facilita a capacidade de lembrar do IE:

Tenho memórias em diversas fases da minha vida. Entrei aos 3 anos no jardim. Sem a Associação ficaria muito no individual lembrar, pois a Associação consegue congrega as pessoas, manter unidas pessoas de diferentes épocas. A Associação é uma forma de manter o espírito e os ideais do IE. O IE não é mais a escola que foi, o IE evoluiu, a Associação tem mantido pessoas de diferentes momentos do IE agregadas à Associação. Temos pessoas de 90 a professores jovens que ainda estão em exercício profissional. (ENTREVISTADA B)

A Associação acrescentou na parte afetiva e de envolvimento na idade. Talvez eu ficasse dentro de casa fazendo crochê mas eu estando atuante dentro da associação a gente está sempre bem atualizada na cultura geral. Dentro da associação no momento eu sou a única que é ex-aluna e ex-professora.

Será que não é um pouco de esclerose? Comecei no Instituto com 12 anos e continuo atravessando a Redenção para ir a Associação. É uma vida inteira. Isso me deixa muito feliz, sinal de que estou cumprindo um papel nesta vida. (ENTREVISTADA A)

Além do tom otimista, vieram à tona algumas narrativas sobre questões como *bullying* e diferenças sociais presentes na época em que eram alunas. Aqui podemos verificar a questão de ressignificação de lembranças, a possibilidade de transformar uma memória não muito boa em algo melhor com a ajuda de vivências positivas no presente. Percebemos então que a memória não é sobre passado, é sobre o momento atual.

Sem a Associação eu não estaria presente. Eu formei e fui lecionar, uma menina de 20 anos há 60 anos atrás era uma menina. Eu precisava trabalhar. Me formei e fui trabalhar em uma outra área. Mas fui lecionar como alfabetizadora. Uma experiência muito impactante. De realização. De maturidade. Fiz um hiato com o IE. Como era de classe mais simples, nunca tive a intenção ou objetivo de dar aula no IE. Era de um nível muito alto. Quando retornei fiquei feliz com meu retorno. [...] Não tinha lembranças tão boas pessoais, de profissão sim, e quando fui chamada para a Associação fui apoiada pela família (ENTREVISTADA C).

E eu, como me sentiria se não tivesse a Associação? Conhecendo a Associação como conheço e mais o outro grupo ao qual eu pertença, me faria uma grande falta sim. Tanto é que eu e uma das colegas, que foi aluna do IE, mas também de outros colégios, ela também ama o instituto. Nós nos telefonamos todas as segundas-feiras na hora do nosso encontro para relembrar pra fortalecer. Então eu acho que faria grande falta, se terminasse esse período comum, porque eu acho que um dia vai acabar, ainda mais depois desta pandemia, ainda mais o nosso grupo que é de grande risco, não que não vá voltar a se reunir, mas digo nós o grupo das segundas-feiras (ENTREVISTADA D).

As narrativas tratam de pessoas que se envolveram durante boa parte da vida escolar com o IE, possuindo memórias diferentes desse período. Podemos verificar que o fato de participarem da Associação anos após sua estada no IE possibilitou fazer as pazes com as lembranças do lugar. Participando de outras vivências, criaram novas memórias. Questões delicadas, como percepções sobre preconceitos e diferenças sociais, não ficam evidenciadas na documentação impressa. Foram as narrativas individuais que trouxeram essa rica heterogeneidade. Segundo Halbwachs (2006), nosso tempo é derivado do pertencimento aos grupos, e estes reforçam o sentimento de coparticipação.

A história, pelo seu intuito de contar a versão oficial, ocupa-se de homogeneizar as falas, por vezes calando as vozes dissonantes. Assim, um único discurso sobre uma instituição, sobre uma cidade, sobre um país pode conter vários “esquecimentos” e não revelar a totalidade das vozes que compõem as diversas narrativas.

Um edifício se comunica por meio de muitas linguagens, não somente com o observador mas principalmente com a própria cidade na sua complexidade: a tarefa do observador é tentar compreender os discursos “bloqueados” nas estruturas arquitetônicas, mas vívidos pela mobilidade das percepções que envolvem numa interação inquieta os vários espectadores com os diferentes papéis que desempenham. Espectadores que, por sua vez, ao observarem por meio de sua própria bagagem experimental e teórica, agem sobre as estruturas arquitetônicas aparentemente imóveis, animando-as e mudando-lhes os signos e o valor no tempo e também no espaço.

Existe uma comunicação dialógica entre um determinado edifício e sensibilidade de um cidadão que elabora percursos absolutamente subjetivos e imprevisíveis (CANEVACCI, 2004, p. 22).

A cidade e suas instituições são vividas de várias formas. Estudar a memória nos expõe a pontos de vista variados e subjetividades. Estudos que analisam narrativas individuais podem trazer outras nuances sobre a trajetória de um lugar. Por vezes pensamos conhecer tudo sobre a cidade, porém esta, tal qual a memória, são compostas de situações que retroalimentam-se, criando novos sentidos. Afinal, a cidade muda e nossa impressão sobre ela também. “Compreender uma cidade significa colher fragmentos. E lançar sobre eles estranhas pontes, por intermédio das quais seja possível encontrar uma pluralidade de significados” (CANEVACCI, 2004, p. 35). Um exemplo é a passagem do tempo, que faz com que a estranheza do mundo adulto e a ludicidade do mundo infantil contrastem em detalhes. As lembranças infantis por vezes retratam uma cidade maior do que ela é de fato. Por exemplo, um parque que se frequentava na infância perde o sentido na vida adulta e, por vezes, a própria imagem da cidade desvanece. Isso ocorre porque a memória é marcada pela “descontinuidade dos registros de tempo e pela heterogeneidade dos níveis que a compõem” (TEDESCO, 2007, p. 97).

4.3 Personagens

O IE vem formando gerações de alunos desde 1869. Alguns tornaram-se figuras conhecidas e outros tratam-se de ilustres anônimos. Porém, independentemente de sua posição, colaboraram para a construção da memória da escola.

Na categoria três, foram reunidos materiais sobre personagens encontrados nas narrativas, tanto documentais quanto nas entrevistas: ex-alunos, professores, políticos. Muitos egressos do IE tornaram-se figuras públicas, como políticos, cantores, escritores. Alguns exemplos são: a cantora Elis Regina, a historiadora Sandra Pesavento, a escritora e vice-reitora da UFRGS, Jane Tutikian, o ator Nico Nicolaiewski (*Tangos e Tragédias*), entre outros.

4.3.1 Anônimos, porém ilustres

O registro fotográfico parece ter sido importante na trajetória da Associação. O acervo possui uma profusão de fotografias dos mais variados momentos. Muitos álbuns estão com os nomes dos ex-alunos identificados, porém a maior parte não. Há fotografias de formaturas das turmas, comemorações dos jubileus, aniversários, passeios.

A utilização de imagens vem ganhando espaço na análise de narrativas que buscam compreender o passado. O texto sem imagem obteve status superior durante longo período nos diversos veículos impressos. Mesmo a internet, em seus primórdios, continha basicamente texto, além de poucas gravuras de baixa qualidade. Com o tempo, as tecnologias tanto de captura quanto de reprodução de imagens evoluíram a ponto de termos ferramentas de edição avançadas, realidade virtual, aplicativos, o que fez com que a imagem passasse a ter lugar de destaque, algo que Candau (2016) chama de iconorreia, como exemplificado no capítulo teórico.

Hoje enxergamos as imagens com naturalidade e banalidade, porém nem sempre foi assim. Peter Burke (2004) defende que as pesquisas voltadas para as novas disciplinas analisadas pela História (que antes limitavam-se a eventos políticos e economia) – como História da vida cotidiana e História do corpo – não teriam evoluído se não fosse o uso de imagens. Estas alcançaram lugar de importância juntamente com textos literários e testemunhos orais, apesar de alguns pesquisadores ainda não os encararem com seriedade.

Desde o advento da escrita e da prensa, o texto escrito tem obtido maior prestígio, talvez pelo fato de ter menor margem de interpretação do que a imagem. Os diversos elementos do cenário da imagem podem nos trazer mensagens e sua interpretação pode variar conforme o universo conceitual do pesquisador.

a seleção de temas e até de poses das primeiras fotografias frequentemente seguiam o modelo das pinturas, gravuras em madeira e entalhes, ao passo que fotografias mais recentes aludiam às mais antigas. A textura da fotografia também transmite uma mensagem. Tomando o exemplo de Sarah Graham-Brown, “uma fotografia em sépia suave pode produzir uma calma aura de ‘passado’ ao passo que uma imagem em preto e branco pode ‘transmitir um sentido de dura realidade’ (BURKE, 2004, p. 12).

Porém, fotografias, imagens e pinturas desempenharam papel essencial ao servir como fontes para o preenchimento de lacunas quando não havia documentos, como a história da infância retratada pelo pioneiro Philippe Ariès. Sua obra recebeu críticas ao longo do tempo por conta de novas pesquisas e algumas de suas concepções foram refutadas pelo confronto com outras fontes e um maior entendimento do que seria de fato a infância naquela época.

Abaixo seguem três fotografias significativas de estudantes e professores do IE. Na primeira (Figura 15), vemos um grupo de formandas em um momento descontraído acompanhadas de Norma Perez, presidenta da Associação na época. As moças na cena riem e o clima é de alegria.

Figura 15 – Formandas em momento descontraído



Fonte: Acervo Associação

Percebemos o contraste com a foto seguinte (Figura 16), que retrata uma formatura. Nela todas as pessoas vestem branco e usam saia até o tornozelo. O clima é de seriedade, como cabe a uma foto oficial, talvez pela conquista do título de normalista, que tinha grande status naquela época na sociedade gaúcha. Ao

fundo, a tela que ostenta o título de maior obra de arte do RS. Não se percebe a presença de homens nas cenas das Figuras 15 e 16, o que reforça o conceito, ainda vigente na época, de que a profissão de professor era majoritariamente feminina. Isso evidencia o que Burke (2004, p. 135) destaca:

Imagens oferecem evidência particularmente valiosa dos tipos de trabalho que se esperava que as mulheres realizassem, muitos deles na economia informal que escapa frequentemente à documentação oficial.

Figura 16 – Formandas do Curso de formação de professores de 1955



Fonte: Acervo Associação

A terceira imagem (Figura 17) traz uma série de fotos que mostram a comemoração dos 50 anos da Associação, em 2010, e as atividades que a Associação desempenha. Nelas vemos ex-alunas em diversas ocasiões e épocas. Uma das fotos registra o uso da calça. Algumas imagens evidenciam o tom formal, ritualístico, de eventos importantes; outras, a alegria característica do grupo.

Figura 17 – 50 anos da AExAIE



Fonte: Acervo Associação

Percebe-se que as fotografias mais antigas, referentes às primeiras décadas da Associação, têm maior presença de alunas do IE. Com o passar do tempo, as fotografias registram mais ex-alunos de fato. Podemos inferir que a Associação passou então a se voltar principalmente para suas próprias

atividades e seus membros do que para a vida do IE. Analisados em seu conjunto, os registros fotográficos demonstram que a Associação ganhou certa independência da escola, sem deixar de trabalhar em prol dele, porém com uma agenda de atividades e eventos própria.

A vantagem da análise de fotografias consiste em que uma só imagem pode traduzir um processo complexo, que em palavras levaria algumas folhas para ser explicado. Uma coleção de fotografias também pode nos ajudar a compreender a evolução temporal e histórica de certo lugar do mesmo modo que antigas pinturas e gravuras, de uma época pré-fotografia, informam historiadores sobre modos de vida e objetos do passado.

Além das fotos, as narrativas individuais trazem lembranças das professoras, como demonstra o seguinte relato

Lembro das professoras do jardim de infância, da que me alfabetizou, de uma de didática do curso de professores. As lembranças são sempre muito boas, nas diferentes etapas da minha vida. (ENTREVISTADA B)

Abaixo trazemos mais algumas narrativas que envolvem professoras do IE citadas nas entrevistas e documentação.

4.3.2 Sandra Pesavento, formadora de opinião na historiografia gaúcha e nacional

Sandra Jatahy Pesavento foi uma historiadora gaúcha e ex-aluna do IE. Estudou na UFRGS, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) e na Université Paris-Sorbonne. Foi coordenadora da Pós-graduação em História da UFRGS. Faleceu em 2009 (Figura 18) e deixou 29 obras escritas, além de grande influência na historiografia gaúcha e brasileira. Algumas dessas obras constam na coleção de livros da Associação de Ex-alunos.

Figura 18 – Sandra Jatahy Pesavento



Fonte: Acervo Associação

4.3.3 Elis Regina “uma das primeiras rebeladas”

A cantora de Música Popular Brasileira Elis Regina estudou no IE nos anos 50. Ali cursou o ginásio e se iniciou na música, cantando no Orfeão da escola. Começou sua carreira nos anos 60 em festivais de música alçando fama rapidamente.

As narrativas sobre a cantora encontradas no acervo da Associação são um conjunto de selos de carta temáticos do ano de 1998, no qual Elis Regina

consta ao lado de grandes personalidades da vida cultural do país: Clementina de Jesus, Dulcina de Moraes e Clarice Lispector (Figura 19).

Figura 19 – Lembrança sobre Elis Regina



Fonte: Acervo Associação

A outra narrativa, de um jornal de 1987, diz respeito ao comportamento de Elis. Segundo a manchete: “Elis Regina uma das primeiras rebeladas” (Figura 20). A matéria menciona a tese de doutorado de Guacira Louro, que afirma que a “ideologia da submissão” deixou de ser tão evidente nas escolas do país e no IE, apesar de ainda conter muitos elementos de tradição.

Figura 20 – Fragmento de Jornal sobre prendas e antiprendas



Fonte: Acervo Associação

vai longe o tempo em que a cantora Elis Regina fez o ginásio ali e, pela sua natural rebeldia, fugiu completamente do considerado padrão de moça bem comportada. (Fragmento Jornal ZH 03.05.87, acervo da Associação)

A matéria traz a fala de outra ex-aluna Sandra Pesavento, que cursou do Jardim até o Curso Normal e alegou ser uma típica "antiprenda" e chama de repressivo o sistema da escola.

A historiadora Sandra Pesavento questiona como puderam sair tão "boas cabeças" de dentro daquele esquema repressivo. A orientação que se passava era de que o casamento era uma meta e o IE habilitava para isso. (Fragmento Jornal ZH 03.05.87, acervo da Associação)

Segundo a reportagem, o objetivo da rígida educação no IE era fornecer aulas de Economia doméstica para formar competentes professoras primárias e dedicadas donas de casa.

As professoras diziam que não ficava bem agir como as avançadinhas — que também fumavam às escondidas no banheiro para não ficar falada, conta Ana Rosa. (Fragmento Jornal ZH 03.05.87, acervo da Associação)

O lugar das mulheres na sociedade nas décadas de 50, 60, 70 era de maior dedicação à casa, mesmo que nesta época, elas tenham entrado, de maneira mais incisiva, no mercado de trabalho, fazendo cursos e elevando seu grau de instrução. Assim como observado na reportagem, a educação para as “prendas domésticas” ainda era parte forte da educação, mesmo em cursos profissionalizantes como o Normal. O casamento era ensinado como um objetivo a ser atingido. As alunas também aprendiam que, vestindo o uniforme do IE, tinham que se portar dignamente.

Na questão sentimental, namorar uma moça do IE, estava na mesma proporção que namorar um rapaz do Colégio militar ou Julinho, muito considerados na época. (Fragmento Jornal ZH 03.05.87, acervo da Associação)

Dalcin e Silva (2020) alegam que, apesar de que a maior parte dos professores do Curso Normal fossem mulheres e os conteúdos estivessem adequados à “natureza feminina”, estas professoras eram vanguarda, pois trabalhavam fora de casa e, de certa forma, colocavam em contradição a mensagem que passavam.

O que os registros nos mostram é que, apesar de ser vanguarda em várias áreas, o IE era como o restante da sociedade no que tange à educação feminina, isto é, conservador. As mulheres eram requisitadas para trabalhar em profissões ditas femininas e maternas, desde que continuassem a observar as “prendas domésticas”. Apesar disso, percebemos que muitas de suas ex-alunas não se limitaram a este modelo rígido, sendo que desempenharam papéis sociais de destaque em diversas profissões.

Dalcin e Silva (2020), em sua pesquisa sobre normalistas no RS, apontam que, apesar de ser um curso majoritariamente feminino (tratado naquela época e talvez até hoje como um prolongamento das funções maternas), havia procura do curso por rapazes. O texto também traz registros fotográficos de turmas com alunos homens. Entretanto, não localizamos, no acervo da Associação, fotos de épocas passadas com normalistas rapazes. Os registros aos quais obtivemos acesso registram sobretudo mulheres. A ausência de rapazes costuma ser evidenciada pelo nome informal da Associação: Associação de Ex-alunas. O uso

do gênero refere-se ao fato de que eram as normalistas que sempre estiveram à frente da Associação, mesmo a escola possuindo diversos cursos e público misto. Porém, o uso do termo informal ex-alunas, como podemos verificar nos relatos aqui descritos, revela que, de fato, a Associação era e é coordenada por mulheres.

4.3.4 Olga Garcia Reverbel, vanguarda do teatro na educação

A Entrevistada D nos trouxe uma lembrança sobre os demais agrupamentos que o IE já teve, como o grêmio de professores e o Centro de Alunas do IE (CAIE), que não existem mais. Além da Associação de Ex-alunos, o coral é o único grupo de atividade que perdurou ao longo do tempo.

Tinha grêmio dos professores, CAIE – Centro de alunas do IE, o teatro infantil da Olga Reverbel, o orfeão artístico da Dinah que tinha renome internacional e entre essas associações tinha a Associação das ex-alunas então as outras associações se diluíram, terminaram, não existem mais. (ENTREVISTADA D)

A professora Olga Garcia Reverbel (1917-2008) é considerada uma das precursoras do movimento conhecido como Teatro e Educação no Brasil, tendo sido discípula de Maria Clara Machado (do teatro Tablado, no Rio de Janeiro) e indicada por Paulo Autran como a principal formadora do público de teatro porto-alegrense na época. Após ela ter ofertado no IE uma disciplina facultativa de Teatro e Educação, em 1940, esta foi introduzida no currículo do curso normal, numa iniciativa inédita e precursora de inclusão das artes no meio escolar (configurada como lei somente em 1971, na Reforma do Ensino) (OLGA, 2021).

Reverbel estudou dramaturgia e literatura na Université Paris – Sorbonne, trouxe técnicas de teatro de grupos franceses e inseriu-as na sala de aula. Criou, em 1946, o Laboratório de Teatro e Didática, programa que se baseia na preocupação com a prática teatral tradicionalmente voltada às "festinhas da escola". Foi professora nas Faculdades de Educação e Letras da UFRGS.

4.3.5 Dinah Neri, Regente do orfeão

Também citada na narrativa da Entrevistada D, a professora Dinah Neri presidiu o Orfeão artístico do IE, que era responsável pela recepção de personalidades que realizavam visitas à escola e tinha renome internacional. Esse coral gravou dois álbuns em vinil (Figura 21), algo que era para poucos na época. Elis Regina entoou suas primeiras músicas ali. A professora Dinah Neri foi importante artisticamente na história do IE, sendo que seu nome foi utilizado para batizar a escola anexa, em frente ao Parque da Redenção, em Porto Alegre.

Figura 21 - Álbum gravado pelo orfeão artístico com a regência da Dinah Neri



Fonte: Acervo Associação

4.3.6 Odila Barros Xavier, Esther Pilar Grossi e o pioneirismo do IE na Matemática

O laboratório de matemática foi criado por uma grande professora da época Odila Barros Xavier. A Esther Grossi assumiu a mediação entre Geempa e IE. (ENTREVISTADA D)

A professora Odila Xavier foi a protagonista na criação do Laboratório de matemática do IE, que, inicialmente era uma sala para armazenar trabalhos do curso de administradores escolares. Aos poucos, o local se transformou em um espaço de criação de materiais e experimentação, cujos materiais eram levados para a sala de aula para serem utilizados pelas crianças (DALCIN; SILVA, 2020).

Segundo Silva (2020, p. 131), a professora Esther Pilar Grossi foi um agente de transposição dos saberes da Matemática Moderna da França para o Brasil, através do IE, para a multiplicação desses saberes.

O Laboratório de Matemática teve grande influência de intelectuais franceses, como Zoltan Pál Dienes, que esteve em Porto Alegre para a realização de um curso sobre os modos de ensinar a Matemática Moderna. Segundo Dalcin e Silva (2020), esse evento direcionou o Grupo de Estudos sobre o Ensino de Matemática de Porto Alegre dali em diante.

As lembranças dos personagens que ficaram marcadas nas memórias tratam, sobretudo, de ex-alunos em atividades comemorativas e de luta; da valorização do patrimônio do IE, seja por reformas, seja por vagas de professores; ou da memória do IE em si. É clara a relação das atividades da Associação com as demandas da escola.

O grupo de ex-alunos é um personagem coletivo recorrente nos registros. Inclusive tivemos dificuldade em coletar fotografias, salvo recortes de jornais, que mostrassem ex-alunos em destaque sozinhos em fotos. Em sua maioria, os registros fotográficos retratam momentos de interação.

Verificamos que não os alunos de renome não recebem destaque especial, sendo que a maior parte dos registros são de integrantes que participavam do dia a dia e das atividades da Associação. Verificou-se a presença de lembranças sobre professores e seus métodos de ensino, muitas vezes inovadores para a época, exaltando o pioneirismo da escola em áreas como Matemática, Teatro e Música na educação.

4.4 Porto Alegre

Na categoria Porto Alegre, temos as visões acerca da cidade e percebemos dois movimentos: lembranças sobre a cidade em si, nos registros documentais, e lembranças sobre o IE inserido nela, nas narrativas das entrevistadas.

As lembranças sobre a cidade estão arquivadas em uma pasta fichário inteira dedicada a recortes, que reúnem a sessão “Túnel do tempo” do jornal Zero Hora, como uma tentativa de salvaguardar as memórias sobre monumentos e lugares históricos. As demais pastas do acervo estão separadas por ano e possuem documentação variada, mas esta é exclusiva para recortes considerados importantes sobre as diversas mudanças na geografia de Porto Alegre.

Na pasta do fichário, foram encontrados vários recortes do jornal com imagens históricas da cidade. Fotos tiradas do alto do morro Santa Teresa mostram como era Porto Alegre em 1852. Outras mostram a construção da Vila do IAPI e o chalé da praça XV. Há também notícia sobre o Guia histórico de Porto Alegre, lançado por Sérgio da Costa Franco; além de recortes sobre os bairros Bom Fim e Floresta e sobre os antigos bondes que circulavam na cidade até a década de 1970.

Figura 22 – Fragmento de jornal sobre bairro IAPI



Fonte: Acervo Associação. Fotografado pela autora.

Segundo Burke (2004), imagens são evidências visuais importantes para a história das cidades. Fotografias auxiliam pesquisadores a verificarem as mudanças na geografia, constatarem a existência de lugares que não existem mais, visualizarem mudanças nos costumes das populações e identificarem sentimentos que se revelam na escolha do monumento a ser eternizado pela imagem.

Fotografias antigas são especialmente valiosas para a reconstrução histórica de cortiços que foram destruídos, revelando a importância da vida de ruelas e becos em cidades como Washington e detalhes específicos tais como a localização das cozinhas. (BURKE, 2004, p. 105)

Os registros de lugares e da vida comum nos permitem compreender melhor os sentidos do passado, pois retratam pessoas e situações de forma espontânea, permitindo captar organicamente o espírito de uma época ou lugar.

As narrativas sobre o IE em relação à cidade de Porto Alegre o ressaltam como um marco na história da educação da capital gaúcha, tendo surgido como uma esperança após o fechamento de duas importantes escolas anteriormente:

Na província de São Pedro do Rio Grande do Sul, a expansão da instrução pública foi tardia. Durante o Império, as aulas públicas eram esparsas, irregulares; o único estabelecimento oficial de ensino secundário foi o Liceu de D. Afonso, instalado em 1851 e extinto em 1872, dando lugar ao Ateneu Rio-Grandense, por sua vez fechado em 1853. A criação da Escola Normal em Porto Alegre em 1869 era considerada um remédio que contribuiria para a superação do atraso. (ARRIADA; COSTA, 2009 *apud* BÚRIGO; PEREIRA, 2020, p.19).

O pioneirismo e as inovações que a escola trazia não se restringiam à cidade, mas se estendiam a todo o estado todo, já que muitas normalistas que ali se formavam lecionavam em outros municípios. De acordo com Tambara (*apud* BÚRIGO; PEREIRA, 2020), atribui-se à ideologia positivista o desinteresse do governo estadual, nos idos de 1910, em ampliar a formação de professores no RS. Seguindo ideais Castilhistas, havia uma orientação liberal de não interferência na educação, na religião e no exercício profissional. A partir de 1920 e após várias reformas em estados do Brasil, o RS começou aos poucos uma modernização educacional.

Em Porto Alegre estávamos na vanguarda, o pessoal vinha do interior e a gente fazia treinamento. (ENTREVISTADA A)

Então com o tempo foi criado o serviço de material audiovisual para toda a escola e era modelo, iam nos visitar para conhecer e tínhamos recursos então. Eu não tendo estudado lá, tendo estudado em bons colégios de Porto Alegre, mas noto o quando o IE foi presente na formação da sociedade Rio Grandense se a gente vai olhar o que a Regina Portela [historiadora] escreveu, o que a gente lê sobre o Instituto a gente vê o quanto ele era importante. (ENTREVISTADA D)

De acordo com a literatura, o IE saiu de uma existência de pouca expressão para um lugar de coordenação e lançamento de tendências na educação gaúcha Segundo Búrigo e Pereira (2020, p. 19),

A renovação culmina com a transformação da Escola Normal em Instituto de Educação General Flores da Cunha, pelo decreto n. 7.681, em 1939.No mesmo ano, Lourenço Filho e Everaldo Backheuser

ministraram um curso de aperfeiçoamento pedagógico aos professores da instituição, trazendo novos métodos de ensino. Pode-se dizer que, a partir dos anos 1930, a peculiaridade do Rio Grande do Sul não se caracterizava mais pelo relativo isolamento, mas pelo empenho na divulgação e implementação das ideias modernizadoras.

Além da literatura, as narrativas trazem uma ideia de um IE pioneiro, com a adoção, por exemplo, de conteúdos e materiais vindos da França e teorias de Zoltan Dienes, que introduziram a Matemática Moderna na escola. Mas nem sempre essas ações eram vistas com bons olhos. A Matemática Moderna, por exemplo, não foi bem aceita de imediato pelos pais dos alunos. Algumas ações do IE que hoje vemos como sendo de vanguarda, eram consideradas, naquela época, modernas demais.

Foi oferecido um curso de atualização da Matemática Moderna com materiais vindos da França. Eu não iria dar aulas, mas era preciso que eu tivesse conhecimento do material para difundir entre os professores da escola. Eram os blocos lógicos que davam fundamento à teoria dos conjuntos.

As professoras do curso primário fizeram esse curso de atualização e introduziram gradativamente. Os pais nem sempre aceitavam muito bem e ficou incluído no currículo de matemática. Havia uma certa rejeição por parte dos pais.

Como era ano do centenário havia disponibilização de verbas para projetor e slides, lâminas de todos os materiais, material para o curso de Matemática Moderna, blocos lógicos, você sabe o que são blocos lógicos? (ENTREVISTADA D)

Segundo Búrigo e Pereira (2020), “Nos anos 1950 o IE divulgava em eventos nacionais seu pioneirismo na implantação de um currículo flexível”. A Matemática era um dos seus polos inovadores, o que, com a ocasião de seu centenário, propiciou a aquisição de materiais através da liberação de verbas.

Ao mesmo tempo em que era pioneiro em muitas áreas, o IE era excludente em outras. Como a seleção para ingresso na escola ocorria através de prova específica, somente alunos com uma base educacional robusta obtinham a vaga. Havia também restrições na escolha de professores, cujas vagas eram preenchidas mediante convite, tornando seu quadro profissional um clube seletivo. Isso dificultava que pessoas de origem social diversa se tornassem alunas e professoras da instituição.

Na época o IE era muito seletivo, classe alta. Pessoas mais simples havia uma diferença. Ir sem uniforme nos desfiles não era tão bom, havia uma diferença nisso. As pessoas mais simples e as pessoas negras. Era normal na sociedade da época. O que tomou o termo bullying era parte do perfil das pessoas, criticarem. (ENTREVISTADA C)

As lembranças acerca de Porto Alegre se dividiram em duas categorias. Por um lado, há uma preocupação em guardar a memória da cidade, dedicando uma parte do acervo a isso. Com já mencionamos, uma pasta inteira reúne recortes de jornal, em especial da Seção Túnel do Tempo do jornal Zero Hora, nos quais foram encontrados registros de lugares icônicos e tradicionais da cidade como o Chalé da Praça XV, os bairros Bom fim e Floresta; além de espaços cujas paisagens passaram por grandes alterações, como o Morro Santa Teresa. Também se vê ali coisas que não existem mais, como os bondes, meio de transporte usado no centro da cidade até os anos 70.

As lembranças do IE em sua relação com a cidade tratam do pioneirismo de alguns professores e métodos, nem sempre bem aceitos por parte dos pais, como a absorção de conteúdos vindos de outros países, como a França, através da figura do educador matemático Zoltan Pal Dienes. Evidencia-se assim uma *época dourada* no IE, onde havia uma profusão de cursos livres, que as normalistas realizavam para se especializar em certas áreas como didática, jardim de infância, supervisão. Fica evidente o acesso a recursos financeiros por parte da escola, que estavam disponíveis para aquisição de materiais didáticos importados, como material dourado, retroprojetores e outros, que serviram de modelo de organização de material didático.

Em contrapartida, essas lembranças atestam que o sistema de entrada no IE era, de certa forma, excludente, por causa do ingresso de alunos mediante prova específica (atualmente o sistema é via sorteio) e de professores através de convite, o que mudou com as alterações na legislação, o estabelecimento de concursos e mudanças na sociedade.e

4.5 Sociedade

Nesta categoria, a partir dos documentos e das narrativas, observamos que a Associação, em parceria com outras entidades assistenciais e associações do município e do estado, realiza diversas ações voltadas à assistência social. Foram realizadas, por exemplo, doações a crianças e idosos. Além disso, foram criados convênios com serviços advocatícios e psicológicos para os seus associados.

É visível a preocupação social desempenhada pela Associação através de doações a diversas instituições de Porto Alegre. Os documentos que nos trouxeram essas informações foram os fascículos do Boletim informativo, que possuem seções específicas sobre os Grupos de ação social, denominados Grupo das Segundas-feiras e Grupo das Quartas-feiras.

Figura 23 – Ações sociais registradas nos boletins



Fonte: Acervo Associação

As entrevistas também trouxeram depoimentos espontâneos sobre o grupo:

Comecei a participar das reuniões das segundas, foi uma coisa muito boa, é uma atividade que eu prezo muito pela simplicidade de a gente se reunir e tratar de vários assuntos. Cada colega é uma realidade, mas cada colega merece a nossa atenção. As direções da Associação são verdadeiras heroínas, manter um grupo como o nosso numa época em que as pessoas não se dispõem muito a escutar o outro é difícil manter um grupo e o nosso grupo das segundas feiras está aí. (ENTREVISTADA D)

[ao final da entrevista] Esse grupo das segundas feiras posso te dizer um pouquinho sobre ele ?

[...] fazíamos um tipo de um brechó pra os alunos para haver um intercâmbio, para as professoras mais velhas como nós estarmos ali fazendo essa brincadeira com eles. Isso se tornou uma atividade regular 2 x ao ano próximo ao dia das mães e próximo ao dia das crianças. E era assim uma satisfação e uma alegria para nos e para eles indescritível, eu saía da minha casa, eu moro próximo aqui, as 7h da manhã 7:30, para ir organizar o bazar.

Elas fazem mantas, recolham entre as amigas bijouterias, uma conserta bijouteria, é dinheiro que se recolhe, se vai numa loja da voluntários e compra material, os estalinhos que eles adoram. É muito gratificante. Não sei se atendi o que tu necessitavas ou mais a minha vontade de falar. (ENTREVISTADA D)

Há dois grupos fixos de convivência – Grupo das segundas-feiras e Grupo das quartas-feiras – que funcionam semanalmente com a finalidade de produzir peças artesanais.

Esses grupos se reúnem para confeccionar artesanatos e roupas infantis tanto para venda como para doação. A renda é revertida em compra de insumos que são utilizadas na confecção de novas peças. Além disso, os grupos realizam semestralmente doações do que é produzido nas reuniões, como casaquinhos, meias, enxovais para recém-nascidos. Também são doadas fraldas descartáveis e outros itens adquiridos com a venda de panos de prato e enfeites de Natal comercializados nos brechós e bazares que executam. Essas doações beneficiam várias instituições como: Hospital Materno Infantil Getúlio Vargas, Sociedade Porto Alegrense de Auxílio aos Necessitados, Instituto do Câncer infantil, Hospital de Clínicas de Porto Alegre.

A participação nos grupos revela o seu comprometimento com obras sociais, pois ocorre de forma fixa ao longo do ano. Ao mesmo tempo em que trabalham na feitura de peças de artesanato, seus membros estabelecem compromisso,

convivem e trazem contribuição para si e para a sociedade, exercendo a cidadania. Desfrutam de momentos de conversa e troca, relacionam-se com alunos e pais através dos brechós e festas. O resultado dessas reuniões se concretiza nas doações às instituições de caridade de Porto Alegre, que são realizadas há décadas, reforçando o compromisso social da Associação.

4.6 Festas e cultura

A sexta categoria, denominada Festas e cultura, classifica as manifestações culturais e festivas encontradas nos registros documentais. Em grupos, a criação espontânea de lugares de memória é profusa devido à quantidade de componentes e subjetividades envolvidas.

Mas a memória rema contra a maré; o meio urbano afasta as pessoas que já não se visitam, faltam os companheiros que sustentavam as lembranças e já se dispersaram. Daí a importância da coletividade no suporte da memória (BOSI, 2003, p. 70).

A relação entre tempo e memória parece algo indissociável e as datas, marcadas por festas e eventos, são fundamentais na vida de grupos e associações.

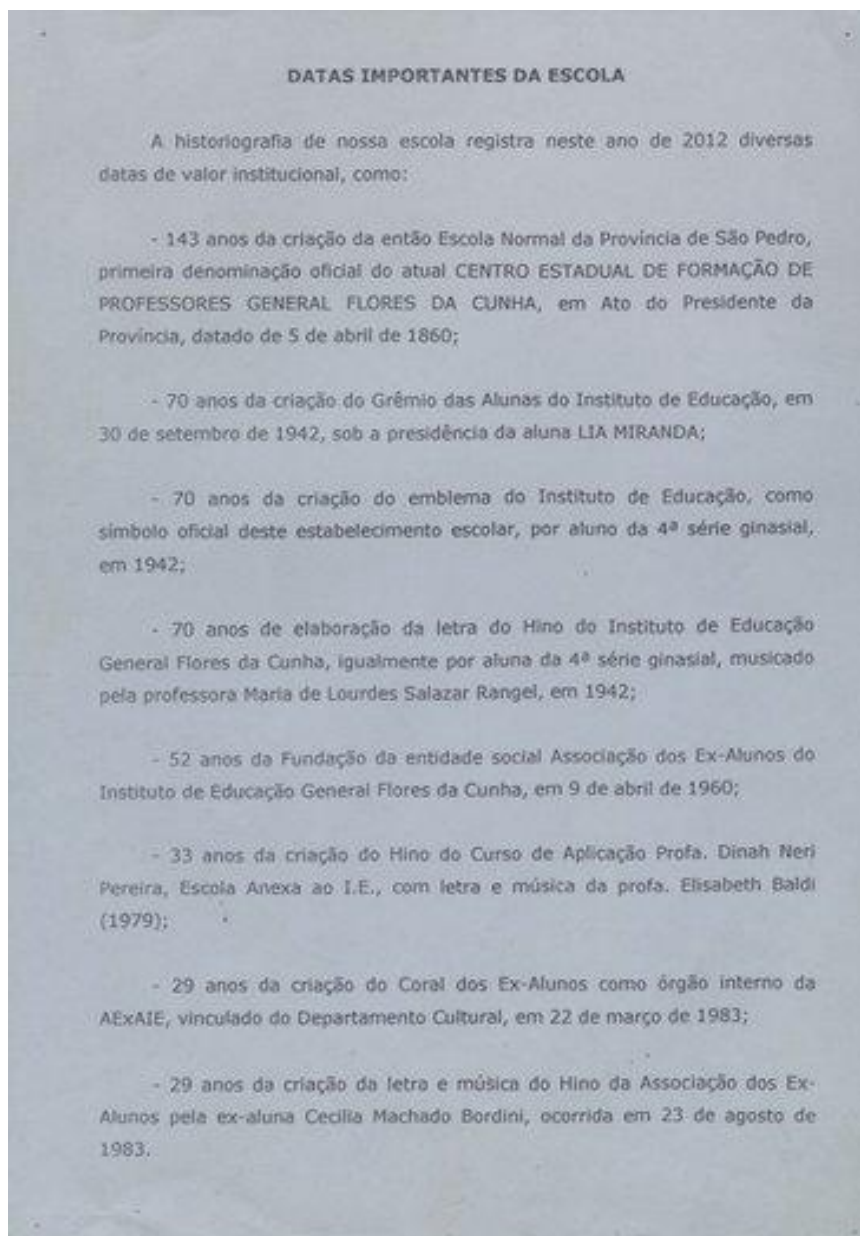
A festa sempre ritualiza; é um momento de situações profanas, sagradas, relacionais e grupais; em última instância comunitárias; é o passado, ou algo do passado cotidiano e tradicional que busca manter e atualizar significações, expressar relações simbólicas, formatos sociais, hierarquias, posições sociais, performance de grupos étnicos nacionais que busca fortalecer um sentimento próprio de si mesmo, porém em correlação (TEDESCO, 2007, p. 19).

Festas são vivências rituais que marcam a vida de grupos. Na comunidade escolar, não é diferente, pois são estimuladas comemorações das mais variadas datas. A Associação possui um apreço especial por isso, o que se nota em sua agenda de festividades, que contempla muitas celebrações. As principais são: Jubileus de ouro, prata, diamante, vinho; aniversariantes do mês (comemorados em um almoço mensal realizado em restaurante no bairro Bom fim em Porto Alegre), aniversário do Instituto de Educação, aniversário da Associação de Ex-alunos, aniversário de restauro das três telas, festa de São João, participação

em eventos de outras instituições, aniversário do patrono do instituto, diversas datas de fundação (Figura 24).

A identidade se faz pouco a pouco, com base na experiência vivida, rememorada, retida anteriormente. Neste sentido, a memória é o componente essencial para a identidade do indivíduo e sua integração social (TEDESCO, 2004, p. 93).

Figura 24 – Algumas datas comemorativas



Fonte: Acervo Associação

Concurso de Redação com os estudantes com a temática “Porque amo o instituto de educação?”. Concurso realizado em 2013, onde os estudantes deveriam responder a questão através de um texto.

Grupo coral (Figura 25): único setor da Associação, além da direção, que continuou plenamente ativo mesmo com a questão da pandemia em 2020-2021. Nesse coral, a cantora Elis Regina entoou suas primeiras notas, teve regência da maestrina Dinah Neri e renome internacional, responsável por realizar apresentações nas recepções de políticos e outras personalidades em visita à escola.

Figura 25 – Fragmento Boletim 2020



Fonte: Acervo Associação

Excursões e viagens: organizadas pelo Departamento Cultural e/ou relatos e apresentações de associados que foram viajar para lugares ‘incomuns’. Essas apresentações eram realizadas em uma era pré-internet, na qual as informações eram menos acessíveis e as experiências de viagem eram escassas para grande parte da população. Neste sentido, a Associação realizava mostras de fotografias e relatos de seus integrantes que haviam viajado para lugares, em

alguma medida, exóticos. Essas atividades eram anunciadas em jornais como o Correio do Povo e abertas ao público, ressaltando o viés educativo e cultural da entidade (Figura 26).

Figura 26 – Relato sobre o Amazonas



Fonte: Acervo Associação

Precisamos do outro para validar nossa existência, sem compartilhamento, existir seria inviável. É compartilhando marcos memoriais que os grupos costumam as existências.

Festas, datas, hábitos culturais levam à união do grupo em torno de um propósito e à renovação deste ideal, desta identidade a cada reunião, podendo se tratar de celebrações festivas ou religiosas, como também de encontros para

executar atividades comuns, como preparar refeições. Ao compartilhar momentos assim com os demais, confrontamo-nos, delinea-mo-nos e, através do pertencimento ao coletivo, estabelecemos uma identidade individual. Murguia (2010, p. 23) nos relembra que a identidade de um grupo é formada numa espécie de confronto com outros grupos: “Embates e aproximações serão necessários tanto com outros grupos minoritários como com o grupo hegemônico perante o qual demanda reconhecimento”.

4.7 Produtos de memória

A sétima e última categoria que utilizamos para classificar e compreender a documentação da Associação diz respeito aos produtos de memória. Por produto de memória, entendemos os projetos realizados com o intuito claro de se fazer um recorte memorial, como os livros lançados pelo Projeto memória e também os Boletins da Associação.

Publicações, como livros comemorativos e revistas, junto a exposições temáticas (de longa duração, temporárias ou itinerantes) estão entre os principais produtos, utilizados como mecanismos de divulgação e externalização do acervo, em ações de comunicação interna e externa, para fortalecimento da reputação institucional. (PAZIN, 2019, p. 98)

Nesta categoria incluiremos também os símbolos, como bandeiras e flâmulas.

Não havia preocupação de selecionar, guardava os recortes, as entrevistas, produção científica ou pedagógica, não havia um critério vale, não vale. O Projeto memória procurava guardar o que um dia seria útil o material dos professores associados. Tínhamos o acervo de fotografias, de registros. A ideia sempre foi essa, que a gente guardasse como memória.

Critério: documento que um dia pode ser útil já é um critério: aliás, tudo seria importante. (ENTREVISTADA B)

O Projeto memória (Figura 27) foi uma série de publicações editadas pela Associação que coletou biografias, fotos e relatos de ex-alunos e outras figuras do IE.

Figura 27 – Exemplar do Projeto memória



Fonte: Acervo Associação

O Boletim informativo é a publicação oficial da Associação, editado de duas a quatro vezes ao ano e enviado via correio aos seus associados. Inclui a divulgação das atividades da instituição, notícias do IE, registros das festas e comemorações de datas, além de prestações de contas das direções. Percebemos que o acervo da Associação não possui a coleção completa dos Boletins, apenas conta com algumas edições. Os demais números estão localizados nas residências das associadas.

Mesmo sem atividade presencial nós iremos publicar o boletim, porque **nós acontecemos** durante a pandemia. Mas iremos publicar o boletim via correio. Ao final de ano geralmente o coral se apresenta e temos a entrega de um brinde aos participantes. Fazemos em um restaurante. É um documento importante e histórico. (ENTREVISTADA C)

Conforme o prometido, o Boletim (Figura 28) foi publicado relatando as atividades do ano. Apesar do período pandêmico, as associadas superaram, de

forma exemplar, suas dificuldades com os sistemas de internet, vídeo e reuniões on-line, com os quais não estavam tão familiarizadas antes, e realizaram diversas atividades, como reuniões da diretoria e ensaios do coral.

A ausência de ritos de tradição, de simbologias e dos valores materiais e simbólicos dos cultos conduz a que se percam os materiais da memória; provoca, concomitantemente, a degradação da mesma, o abandono pelos indivíduos dos conteúdos de sua própria memória (TEDESCO, 2004, p. 100).

Figura 28 – Boletim n.1/ 2020



Fonte: Acervo Associação

Uma das associadas citou em sua entrevista uma foto que encontramos nos registros documentais da Associação (Figura 29), na qual o ex-governador Brizola aparece participando como paraninfo das formaturas no início dos anos 60:

Sim guardavam muita documentação e quando tivemos que sair da escola, tivemos que colocar muita coisa fora, alguns documentos obsoletos, mas o que era significativo ficou e também espalhados em Porto Alegre. Com a prof. Dalcin estão os registros da nossa memória, nós fizemos essa triagem. Foi uma benção quando se ofereceram para guardar a nossa documentação. Tem 2 arquivos na igreja do Bom fim, na casa de uma das colegas esta a nossa biblioteca. Na UFRGS tem a documentação mais relevante.

Guardamos os mais atuais e registros de atividades, festividades e históricos. Achei uma foto onde estamos com o governador **Leonel de Moura Brizola** com o orfeão artístico, ele foi nosso paraninfo e de turma anteriores a nossa. (ENTREVISTADA C, grifo nosso)

Figura 29 – As afilhadas de Brizola



Fonte: Acervo Associação

Símbolos, insígnias e bandeiras são lugares de memória. A flâmula (Figura 30) é um lugar de memória que carrega os símbolos do território que representa. Os lugares de memória se constituem em espaços ambíguos, “naturais e artificiais, palpáveis, abstratos e necessariamente entrelaçam os âmbitos material, simbólico e funcional” (COSER, 2017, p. 235). Um broche com esta simbologia era entregue aos alunos no momento de sua formatura no IE, ou seja, tornavam-se imediatamente parte do grupo dos ex-alunos, fazendo com que seu vínculo com a instituição fosse permanente. O mesmo símbolo, que representa o IE, é presente na calçada de acesso principal à escola.

Figura 30 – Flâmula



Fonte: Acervo Associação

Por fim, mas não menos importante, a Associação mantém uma pequena Biblioteca, na qual são reunidos livros lançados por ex-alunos. Atualmente esta coleção se encontra dividida entre residências de associadas, até retornarem ao prédio original.

Os vários lugares de memória apresentados neste trabalho – objetos, datas, comemorações, territórios, histórias elaboradas sobre acontecimentos – funcionam como um lembrete de uma identidade pessoal ou grupal. Como salienta Coser (2017, p. 239), as narrativas tem o "poder de enfrentar a amnésia pessoal, cultural e social". Tanto o IE quanto a Associação resistem ao tempo e às adversidades na esperança de que as obras no seu principal lugar de memória seja concluída e um retorno seja, enfim, possível. Enquanto isso, ficam as lembranças e as memórias móveis, como as estudadas neste trabalho.

espaços de recordação surgem por meio de uma iluminação parcial do passado, do modo como um indivíduo ou um grupo precisam dele para a construção de sentido, para a fundação de sua identidade, para a orientação de sua vida, para a motivação de suas ações. Uma recordação como essa, vinculada a um suporte individual ou coletivo, apresenta tendência basicamente perspectivista; a partir de um determinado presente ilumina-se um determinado recorte do passado de modo que ele descortina um determinado horizonte futuro. (ASSMANN, 2011, p. 437)

Este estudo traz um olhar que busca enxergar memórias relacionadas a uma instituição educacional que possui uma relação de afeto com a comunidade e está presente na memória dos habitantes da cidade de Porto Alegre e do RS. O Instituto de Educação é um lugar de memória, além de conter os afetos das gerações que ali estudaram, sua arquitetura imponente provoca as subjetividades dos transeuntes que passam pela região entre a Redenção e a UFRGS. É um dos prédios mais antigos da região, compondo o conjunto arquitetônico da capital gaúcha desde 1937. É pouco provável que quem habite a cidade não conheça o IE ou, pelo menos, nunca tenha ouvido falar dele. A escola é resultado de uma época de grandes planos para a educação. Atualmente, o prédio encontra-se interditado para obras, o que desconstrói parte de sua imagem, algo que certamente marcará as memórias de todos.

Ao longo da pesquisa compreendemos o contexto institucional do IE em Porto Alegre como a mais antiga instituição formadora de professores ainda em funcionamento. Progressista e pioneira em diversas temáticas, como a inserção da Matemática Moderna, do Teatro e da Música no currículo.

Verificamos do ponto de vista da CI, com foco nos registros documentais, uma documentação organizada e o cuidado desempenhado pelas direções ao longo do tempo através da coleta, da seleção e da guarda dos materiais. A memória das instituições escolares não é a primeira a ser lembrada quando tratamos do assunto memória institucional. Apesar dos grandes investimentos que o Brasil experimentou na educação nos últimos anos, a área escolar e igualmente a memória destas, não obtiveram o mesmo prestígio do ensino superior. Como verificamos, a tarefa tem sido executada por pesquisadores em diferentes partes do Brasil, dedicados a pesquisar e manter estes vestígios. Entendemos que a CI pode trazer contribuições para essas iniciativas, seja em forma de prática profissional seja em forma de pesquisa científica.

Inúmeros registros auxiliaram-nos a compreender a passagem de épocas, bem como perceber os frutos que o IE colheu e proporcionou à sociedade devido à qualidade de seu ensino. O resultado concretizou-se em gerações de ex-alunos que influenciaram a sociedade gaúcha por meio do ensino, da arte, da política, da vida pública em geral. Registros informacionais são testemunhos da mudança de mentalidade. Através das narrativas presentes, tanto no acervo quanto nos depoimentos das entrevistadas, percebemos mudanças de percepção no papel da mulher na sociedade, mudanças nos investimentos em educação, currículo, entre outras.

Para Thiesen (2013), a recuperação da memória institucional deve ser buscada não somente nos materiais e fontes internas, mas fora dos muros institucionais. A memória da educação passa pela memória dos alunos. Essa memória possui viés diferenciado, pois é a memória de ex-alunos que extravasa aquilo que a instituição trouxe para eles, isto é, parte de sua identidade. Neste trabalho, questões relacionadas com o amor à instituição e o orgulho dela, bem como à ressignificação de memórias não tão boas ficaram evidenciadas. A memória possui esse recurso de ser convocada e atualizada, mediante novas leituras.

Compreendemos a importância das narrativas coletadas do ponto de vista de seus ex-alunos. O conjunto de registros documentais, em diversos formatos, trouxe diferentes informações sobre os associados, a instituição e a cidade. Eles constituem o acervo da memória da Associação e a sua preservação auxilia no fortalecimento da identidade do grupo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos possuem memória, porém olhar e cuidar da memória parece ser um privilégio em um momento da história em que o tempo se mostra acelerado, a profusão de imagens é a regra e o capitalismo uberiza e vende cada aspecto da vida moderna. A memória é lenta e artesanal tal como uma tecelaria. Repousa no acúmulo de lembranças, que se depositam pouco a pouco nos pensamentos, estantes, arquivos. Com o passar do tempo, a memória decanta lentamente sendo trabalhada para vir à tona através da seleção do olhar.

A memória reside à sombra da sociedade, sobre este aspecto, podemos insurgir-nos, rebelar-nos, ao imaginar que todas as memórias deveriam ser trazidas à tona, jamais esquecidas. Porém, é exatamente isso que ocorre e que Candau chama de iconorreia: esse derramamento imagético exagerado, essa fome de registro e consumo de imagens, textos, palavras. A avidez pelo consumo da nova imagem do momento faz com que se perca a identidade.

Entendemos que a memória encontra-se no detalhe que é costurado no dia a dia comum da vida das pessoas que fazem as instituições. Olhares apressados, com vistas a metas, podem passar pela memória e não a perceber. Apenas instituições decididas a se encararem de frente, com transparência, com clareza de visão, missão, valores e entendimento de seu papel social são capazes de extrair as verdades profundas que poderão ficar evidentes no desvelar da memória.

Memórias são tesouros, não residem no superficial, mas são compostas dele. A cada dado, formulário, evento e usuário de um serviço, uma memória está sendo escrita. A história é composta com base em grandes momentos da humanidade, que são olhados com isenção e afinco. Porém, as memórias das pessoas, que desempenham dia após dia as mesmas tarefas, também é essencial. A memória cristaliza-se quando todos olham para o mesmo lugar, cada qual com seu filtro, mas compartilhando algo comum, um momento, um afeto, uma paisagem. As cidades compõem-se de instituições que, por sua vez, compõem-se de pessoas, que, por sua vez, compõem-se de lembranças. Todas compartilham pontos em comum. Nisso reside a memória coletiva, formada de

encontros com a memória individual. É nessa direção que pautamos o nosso olhar neste trabalho.

A memória utiliza-se de diversos suportes para ancorar suas referências: documentos, canções, objetos, fotografias, monumentos, prédios, lugares, cidades, ou apenas lugares de memória. Sendo a memória uma informação registrada na mente ou em um suporte externo, buscamos compreender através dos registros documentais a memória institucional da Associação de Ex-alunos do Instituto de Educação General Flores da Cunha, de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Esta instituição, fundada nos anos 1960, vem colaborando de diversas formas com a escola à qual se vincula, o Instituto de Educação General Flores da Cunha. Tal qual seu estatuto diz, colabora através do auxílio às atividades socioeducacionais da escola, porém, percebemos que uma de suas principais contribuições reside no cultivo e manutenção da memória afetiva da escola e do grupo, fortalecendo a identidade do que é ser aluno ou ex-aluno do tradicional IE.

Sendo a memória uma informação registrada, esta requer ser organizada, reconhecida, utilizada, valorizada, estudada. O valor de algo se extrai do seu uso, sendo assim, trabalhos e estudos científicos que considerem a difusão de acervos são um passo importante para o reconhecimento dessas informações.

Nosso objetivo geral se consistiu em: *conhecer a memória institucional da Associação de ex-alunos do IE a partir dos seus registros documentais e narrativas, evidenciando a importância de sua preservação.*

Como objetivos específicos definimos: *contextualizar o IE General Flores da Cunha e a Associação de Ex-alunos do mesmo*, podendo assim compreender um pouco do seu contexto de criação e momento atual.

Identificar os registros produzidos pela Associação de Ex-alunos, onde verificamos uma vasta documentação organizada pelas diretorias desde sua fundação.

Caracterizar o acervo produzido pela Associação de Ex-alunos. O acervo, atualmente aos cuidados da UFRGS, é composto por 49 pastas contendo documentos administrativos e burocráticos – como notas, regulamentos, atas –, mas também documentos de tom afetivo –, como fotografias, comemorações de

festas e datas, cartas, convites, os tradicionais jubileus de ouro, prata e bronze comemorados por todas as turmas.

Verificar onde são armazenados tais registros. Os registros documentais estão armazenados atualmente na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no Instituto de Matemática aos cuidados da equipe da prof. Dra. Andrea Dalcin. Os documentos encontram-se fisicamente bem conservados, livres de marcas de sinistros, possibilitando a leitura legível mesmo dos mais antigos, da época da fundação da entidade. Isso demonstra o cuidado que receberam ao longo das décadas.

Identificar que ações foram necessárias para preservação dos documentos da Associação de Ex-alunos. Verificamos que além do cuidado das direções em relação à documentação, o empréstimo para salvaguarda atual na UFRGS garantiu um local para o acervo enquanto as obras no prédio do IE estão em andamento.

Identificar quem foram os responsáveis pela sua preservação. Como responsáveis pela preservação consideramos as direções e associados da Associação ao longo dos anos e também a atual equipe da UFRGS. O acervo passou por higienização e breve inventário. Isso caracteriza a cooperação interinstitucional com pesquisadores da área de História da Educação que, além do estudo dos acervos, promovem e interessam-se pela conservação e divulgação dessas fontes.

Nosso último objetivo específico foi: *Analisar as informações contidas nos documentos e as narrativas dos membros da Associação de Ex-alunos.* Identificamos grandes categorias de documentos que foram descritas no capítulo 4. Elaboramos 7 categorias para classificar os registros documentais e entrevistas com a finalidade de compreender a memória institucional da Associação, utilizando como viés a CI. As 7 categorias foram as seguintes: o Instituto de Educação Gen. Flores da Cunha; a Associação de Ex-alunos do IE; personagens; Porto Alegre, sociedade; festas e cultura; produtos de memória.

Na categoria um, denominada “Instituto de Educação Gen. Flores da Cunha”, foram englobadas as lembranças registradas nos documentos que tratavam da temática do IE em si.

Verificamos o empenho da Associação ao lutar junto ao IE por melhorias, reformas, restauro das obras de arte (bens que figuram como importantes no cenário da arte no Brasil).

A escola possuiu, no passado, mais de uma sede e foi instalada em 1937 no prédio icônico situado à Av. Osvaldo Aranha, projetado pelo escultor Fernando Corona. O prédio aparece como um lugar de memória e tem espaço tanto nas lembranças individuais das entrevistadas quanto nos registros documentais da Associação, sendo sua imagem frontal com colunas jônicas em estilo neoclássico presente nas diversas narrativas que tratam do IE. As entrevistadas utilizam palavras como obra de arte, templo, ressaltando a característica monumental do prédio, resultado da visão que se tinha da educação na época.

Na categoria dois, denominada “Associação de Ex-alunos”, foram reunidas as lembranças que remetem ao papel da Associação em si, seu escopo e a documentos de fundação. Foi possível contextualizar e conhecer a memória da Associação, como um órgão de apoio material, mas principalmente subjetivo, ao IE, no que tange ao cultivo de suas memórias e de seu espírito, como descrito em seu estatuto.

Na categoria três, denominada “Personagens”, pretendemos responder quem eram os personagens que apareciam nos registros documentais. Constatamos lembranças sobre professores, ex-alunos que obtiveram projeção pública, como artistas e políticos, mas foi sobretudo o coletivo que se configurou como a maior referência.

Na categoria quatro, denominada “Porto Alegre”, buscamos reunir visões acerca da capital gaúcha através das narrativas para mostrar como o cenário da cidade é representado nos registros. Percebemos dois movimentos: lembranças sobre Porto Alegre nos registros documentais e lembranças sobre o IE inserido na cidade nas narrativas das entrevistadas. Sobre a cidade, a Associação reservou uma parte de seu acervo para a guarda de recortes sobre as mudanças em lugares históricos, como os bairros do Bom fim, Floresta e IAPI. Também encontramos lembranças sobre o Chalé da Praça XV, entre outros monumentos. Sobre o IE inserido na cidade, ficou evidente a presença da escola como um marco educacional, vanguardista e responsável pela formação de gerações de professores e pela inserção de ideias inovadoras no ensino.

A categoria cinco, denominada “Sociedade”, buscou reunir informações contidas nos registros que tratam das relações da Associação com outras instituições e das suas causas sociais. As principais atividades desta categoria são realizadas por dois grupos: Grupo das segundas e Grupo das quartas-feiras. Esses grupos realizam confecções de artesanatos e roupas para a venda e doação a entidades assistenciais da cidade.

A categoria seis, denominada “Festas e cultura”, buscou reunir as informações contidas nos registros de manifestações artísticas, culturais, bem como festas e datas comemorativas. A Associação possui um vasto calendário de datas e festas, como comemoração dos jubileus, aniversários, datas comemorativas relacionadas ao IE, etc. A área sócio-cultural possui relevância e atividade intensa, realizando semanalmente almoços e atividades através do Departamento de Promoção Humana e o Departamento de Difusão Cultural. O nome, Departamento de Promoção Humana, nos revela a intenção maior destas atividades. O compartilhamento desses momentos servem como fortalecimento da identidade do grupo e dos marcos memoriais que o une.

A categoria sete denominada “Produtos de memória”, buscou reunir os produtos de memória encontrados de antemão, uma vez que a Associação já possuía um trabalho de organização de relatos, através do Projeto Memória. Encontramos, nesta categoria, além dos livros pertencentes ao Projeto Memória, os Boletins periódicos com atividades acerca da Associação, a Flâmula com o símbolo do IE e a Biblioteca de livros publicados pelos ex-alunos.

Consideramos nossos objetivos atingidos, porém entendemos que outros estudos podem derivar destas análises e deste acervo, tal como estudos sobre difusão de acervos, produtos de memória institucional e outras análises com recortes de assuntos específicos pertinentes à CI.

O trabalho desenvolvido pela Associação de Ex-alunos do IE durante seus quase 60 anos de atuação teve e continua tendo grande relevância para a memória do instituto e para a educação gaúcha. A preservação das informações, que constam nos registros, mostra a dedicação das diretorias e dos associados envolvidos. Além disso, a forma como são preservados os registros faz com que as memórias dos ex-alunos sobre a escola mantenham-se vivas. Dessa forma,

a Associação auxiliou na formação das identidades dos sujeitos, fortalecendo o sentimento de pertença dos ex-alunos ao lugar.

O estudo sobre a memória da Associação de ex-alunos se mostra importante porque amplia a visão oficial da instituição. Os registros, a guarda e o compartilhamento de documentos possibilitam a preservação da memória das instituições e colaboram para garantir que a própria instituição continue existindo.

REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, M.; FREITAS A. G. Entre milhos e palmatórias. Memórias escolares sobre uma infância castigada: vivências e ressignificações. **Interfaces Científicas**, Aracaju, v. 4, n. 3, jun. 2016. p. 19-30.
- ARAÚJO, C. A. A. Teorias e tendências contemporâneas da Ciência da Informação. **Inf. Pauta**, Fortaleza, v. 2, n. 2, jul./dez. 2017. p. 9-34.
- ARRIADA, E.; TAMBARA, E. A. C.; TEIXEIRA, V. B. CEDOC e CEIHE: espaços de preservação da memória escolar. **Hist. Educ**, Porto Alegre, v. 19, n. 47, set./dez., 2015.
- ASSMANN, A. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.
- BORKO, H. Information Science: What is it? **American Documentation**, v.19, n.1, p.3-5, jan. 1968.
- BOSI, E. **O tempo vivo da memória**. São Paulo: Ateliê editorial, 2003.
- BOURDIEU, P. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.
- BURKE, P. **Uma história social do conhecimento**: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BURKE, P. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru: EDUSC, 2004.
- BURIGO, E. Z. ; PEREIRA, L. H. F. Saberes a ensinar matemática na escola primária: traços de sua institucionalização nas escolas normais rio-grandenses. In. BURIGO, E. Z. et al (Org.) **Saberes Matemáticos nas Escolas Normais do Rio Grande do Sul (1889-1970)**. São Leopoldo: Oikos, 2020.
- CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2016.
- CANEVACCI, M. **Cidade Polifônica**: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 2004.
- CHAVES, R. Instituto de educação criado em Porto Alegre no século 19 completa 150 anos nesta sexta-feira. **Zero Hora**, 04 abr. 2019. Disponível em:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/almanaque/noticia/2019/04/instituto-de-educacao-criado-em-porto-alegre-no-seculo-19-completa-150-anos-nesta-sexta-feira-cju31wykx00w001mwms83ry0f.html>. Acesso em: 31 jul. 2019.

CÔRBO, P. A. B. **Repositório institucional: um olhar para a preservação e acesso aos documentos de memória histórico-institucional do Colégio Pedro II**. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências da Informação)- Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/705/1/corbo2013.pdf> . Acesso em: 14 abr. 2021.

COSER, S. Lugares de memória. In: GONZÁLEZ, E. C. P.; COSER, S. **Em torno da memória: conceitos e relações**. Porto Alegre: Editora Letra1, 2017.

CUNHA, M. B.; CAVALCANTI, C. R. O. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

DALCIN, A. ; SILVA, C. M. S. Escola normal e normalistas: fotografias, memórias, vestígios. In. In. Burigo, E. Z. et al (Org.) **Saberes Matemáticos nas Escolas Normais do Rio Grande do Sul (1889-1970)**. São Leopoldo: Oikos, 2020.

DODEBEI, V. Ensaio sobre memória e informação, **Morpheus: revista de estudos interdisciplinares em memória social**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, 2016. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/morpheus/article/view/5475/4929>. Acesso em 29 ago. 2020.

FREITAS, L. S.; GOMES, S. L. R. Quem decide o que é memorável? A memória de setores populares e os profissionais da informação. In: Foro Social de Informação, Documentação, Biblioteconomia, 2004, Buenos Aires. **Anais...** Buenos Aires, 26-28 ago. 2004. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/enancib2016/enancib2016/paper/view/3967/2298>. Acesso em: 20 jun. 2019.

G1. Três anos depois, obras do Instituto de Educação Flores da Cunha estão paralisadas em Porto Alegre. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2019/10/22/tres-anos-depois-obras-do-instituto-de-educacao-flores-da-cunha-estao-paralisadas-em-porto-alegre.ghtml>. Acesso em: 11 mai. 2020.

GARCIA JÚNIOR, E. ; MEDEIROS, S.; AUGUSTA, C. Análise documental: uma metodologia da pesquisa para a Ciência da Informação. **Temática**, João Pessoa. Ano XIII, n. 07. Julho/2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica/article/view/35383/18042> Acesso em: 15 ago. 2020.

GONÇALVES, D. P. O relatório da administração de Florinda Tubino Sampaio entre 1940-1943: a imagem de uma escola modelo. In: Simpósio Nacional de História, XXVI, 2011, São Paulo. **Anais...** São Paulo, jul. 2011.

GONDAR, J.; DODEBEI, V. **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contracapa, 2005.

GREGÓRIO, S. B. Memória [verbete]. In: **O Dicionário de Filosofia**. 2020. Disponível em: <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefilosofia/mem%C3%B3ria>. Acesso em: 26 mar. 2020.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

IBGE. Instituto de Educação General Flores da Cunha : Porto Alegre, RS. 2021. <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=440940> Acesso em: 10 mai. 2020.
IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, 2018. https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101657_informativo.pdf Acesso em: 10 mai. 2020

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 4.ed. Campinas: Unicamp, 1996.

LIMA, I.; OLIVEIRA, A. L.; MOURA, R. K. G. Memória institucional na Ciência da Informação: análise das produções científicas apresentadas. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, XVIII, 2017, Marília, SP. **Anais...** Marília, Unesp, 2017.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva M. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. atual. São Paulo: Atlas, 2017.

MARTINS, G. A.; THEÓPHILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. 2. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2009.

MASI, D. **O ócio criativo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

MESQUITA, Z.; SILVA, V. P. Lugar e imagem: desvelando significados. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, n. 34, jul./dez. 2004, p. 116-138.

MURGUIA, E. I. A memória e sua relação com arquivos, bibliotecas e museus. In: MURGUIA, E. I. (Org.). **Memória: um lugar de diálogo para arquivos, museus e bibliotecas**. São Carlos: Compacta, 2010.

NASCIMENTO, M. O. N. **Na pista das imagens: produção e circulação de pinturas históricas no Rio Grande do Sul de 1914 a 1935**. 2015. Dissertação. (Mestrado em Educação)-Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

NASSAR, P. **Relações públicas**: a construção da responsabilidade histórica e o resgate da memória institucional das organizações. 3. ed. São Caetano do Sul, SP: Difusão, 2012.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez, 1993.

OLGA Reverbel [verbete] In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa513967/olga-reverbel>. Acesso em: 21 mar. 2021.

PARRELA, I; NASCIMENTO, A. Memória Institucional e Arquivologia: uma discussão teóricometodológica. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 24, número especial, p. 176-188, jan./mar. 2019. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/3901/2240>. Acesso em: 13 jan. 2021.

PAZIN, M. C. C. Centros de memória como estratégia de preservação e acesso à informação retrospectiva. **Revista do arquivo São Paulo**, ano V, nº 9, p. 87-102, out. 2019. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/revista_do_arquivo/09/pdf/Autora_Convidada_-_VITORIANO_C_C_M_-_Centros_de_memoria_como_estrategia_de_preservacao_e_acesso_a_informacao_retrospectiva.pdf. Acesso em: 20 jul. 2020.

RIO GRANDE DO SUL. SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA, TURISMO, ESPORTE, LAZER. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Rio Grande do Sul. Bem tombado: Instituto de Educação Flores da Cunha. Porto Alegre: [s. n.], 2020. Disponível em: <http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=BensTombadosDetalhesAc&item=16120>. Acesso em: 02 ago. 2020.

RIOS, Diogo. Conhecendo as Políticas de Memória Escolar Argentina e a História da Educação Matemática. In: Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática, V, 2020, Natal. **Anais...** Natal: UFRN, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/ENAPHEM/article/view/10884>. Acesso em: 12 jan. 2021.

SETTON, M. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Rev. Bras. Educ.**, n. 20, Rio de Janeiro, mai./ago. 2002.

Silva, C. M. S. Memórias de normalistas no Rio Grande do Sul: práticas e saberes matemáticos (1950-1970). In: Burigo, E. Z. et al (Org.). **Saberes Matemáticos nas Escolas Normais do Rio Grande do Sul (1889-1970)**. São Leopoldo: Oikos, 2020.

TEDESCO, J. C. **Nas cercanias da memória: temporalidades, experiência e narração.** Passo Fundo: UPF, 2004.

TEDESCO, J. C. **Festas e saberes: artesanatos, genealogias e memória imaterial na região colonial do Rio Grande do Sul.** Passo Fundo: Méritos, 2007.

THIESEN, I. **Memória institucional.** João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

YIN, R. K. **Metodologia da pesquisa para Estudo de Caso.** 2. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ANEXO A – Termo de consentimento livre e esclarecido



Informação e Memória Institucional:

um estudo de caso sobre os registros informacionais da Associação de Ex-alunos do Instituto de Educação General Flores da Cunha

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Objetivo desta pesquisa é conhecer a memória institucional da Associação de Ex-alunos do Instituto de Educação General Flores da Cunha (AExAIE), a partir dos seus registros informacionais e narrativas de seus associados, evidenciando a importância de sua preservação.

Esta pesquisa ocorre no âmbito do Mestrado em Ciência da Informação no Programa de Pós-graduação (PPGCIN) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e tem como responsável a mestranda Catiele Alves de Souza (catiele.a@gmail.com) (<http://lattes.cnpq.br/9230040670462236>) sob a orientação do Prof. Dr. Valdir Morigi (<http://lattes.cnpq.br/654237015485419>).

Solicitamos a sua colaboração para a realização da entrevista como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em publicações em revistas científicas.

Declaro ter lido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido acima e ter recebido as informações necessárias relativamente ao objetivo do estudo. Portanto responda por gentileza este e-mail com uma das opções abaixo:

- a) Aceito a divulgação das informações fornecidas na entrevista e meu nome.
- b) Aceito a divulgação das informações fornecidas na entrevista, mas gostaria de permanecer como anônimo, sem a divulgação do meu nome.
- c) Não aceito fazer parte deste estudo.